

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO – UNISAGRADO

SÍLVIA LARISSA CARDOSO DE OLIVEIRA

CULTURA COMO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO:  
REVITALIZAÇÃO DA CERÂMICA PEDERNEIRAS

BAURU

2023

SÍLVIA LARISSA CARDOSO DE OLIVEIRA

CULTURA COMO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO:  
REVITALIZAÇÃO DA CERÂMICA PEDERNEIRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como parte dos requisitos para obtenção do  
título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo  
- Centro Universitário Sagrado Coração.

Orientador: Prof. Me. Renan Amauri Guaranha  
Rinaldi

BAURU

2023

SÍLVIA LARISSA CARDOSO DE OLIVEIRA

CULTURA COMO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO:  
REVITALIZAÇÃO DA CERÂMICA PEDERNEIRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como parte dos requisitos para obtenção do  
título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo  
- Centro Universitário Sagrado Coração.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

Banca examinadora:

---

Prof. Me. Renan Amauri Guaranha Rinaldi (Orientador)  
Centro Universitário Sagrado Coração

---

Titulação, Nome  
Instituição

---

Titulação, Nome  
Instituição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

O482c

Oliveira, Sílvia Larissa Cardoso de

Cultura como processo de ressignificação do espaço: Revitalização da Cerâmica Pederneiras / Sílvia Larissa Cardoso de Oliveira. -- 2023.  
57f. : il.

Orientador: Prof. M.e Renan Amauri Guaranha Rinaldi

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP

1. Revitalização. 2. Cerâmica. 3. Pederneiras. I. Rinaldi, Renan Amauri Guaranha. II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais e irmã, pelo apoio, paciência e compreensão durante todo esse período. Sem vocês, isso não seria possível.

Ao meu orientador, pelos ensinamentos e orientações que me guiaram até o resultado do trabalho.

Às pessoas que, de alguma forma, contribuíram com o processo do projeto.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Vista aérea do Parque da Juventude.....	10
Figura 2. Região de caminhada entre as estruturas. ....	10
Figura 3. Edifício onde funciona a ETEC. ....	11
Figura 4. Localização aproximada do projeto. ....	12
Figura 5. Espaço de trabalho compartilhado. ....	12
Figura 6. Fachada do edifício. ....	13
Figura 7. Planta do pavimento térreo.....	14
Figura 8. Esquema do edifício.....	15
Figura 9. Imagem área da antiga usina de energia. ....	15
Figura 10. Imagem aérea da antiga usina. ....	16
Figura 11. Localização aproximada da Battersea Power Station. ....	16
Figura 12. Átrio de entrada para a ala de escritórios. ....	17
Figura 13. Mapa de Localização.....	18
Figura 14. Mapa de gabarito.....	19
Figura 15. Mapa de uso e ocupação. ....	19
Figura 16. Mapa de fluxos.....	20
Figura 17. Vista do segundo pavimento do edifício.....	20
Figura 18. Vista da entrada no nível mais alto, à direita, a construção com as instalações elétricas.....	21
Figura 19. Vista interna do pátio. ....	21
Figura 20. Vista do nível mais baixo.....	21
Figura 21. Imagem da região da Cerâmica em meados de 1960.....	27
Figura 22. Mapa da área central de Pederneiras.....	28
Figura 23. Imagem de satélite da cidade de Pederneiras (2022). ....	29
Figura 24. Programa de necessidades.....	30
Figura 25. Macrozoneamento.....	31
Figura 26. Planta do pavimento térreo – Centro Cultural.....	31
Figura 27. Planta do primeiro pavimento – Centro Cultural. ....	32
Figura 28. Planta do segundo pavimento – Centro Cultural.....	32
Figura 29. Planta da sala de cinema – Centro Cultural. ....	32
Figura 30. Planta do pavimento térreo – Edifício das oficinas.....	33
Figura 31. Planta do primeiro pavimento – Edifício das oficinas. ....	33
Figura 32. Planta do pavimento térreo – Auditório.....	34

Figura 33. Planta do primeiro pavimento – Auditório.....	34
Figura 34. Planta do terceiro pavimento – Edifício das oficinas.....	35
Figura 35. Planta modelo de salas comerciais.....	35
Figura 36. Corte longitudinal com a proposta projetual.....	35
Figura 37. Vista aérea da volumetria.....	36
Figura 38. Vista aérea da volumetria.....	36
Figura 39. Vista na escala do pedestre da volumetria.....	37
Figura 40. Vista aérea da volumetria.....	37
Figura 41. Implantação.....	38
Figura 42. Quadro de áreas (implantação).....	39
Figura 43. Quadro de áreas.....	39
Figura 44. Planta das oficinas (nível 467,00).....	40
Figura 45. Planta das oficinas (nível 470,00).....	40
Figura 46. Planta do Centro Cultural (nível 466,00).....	41
Figura 47. Planta do Centro Cultural (nível 463,00).....	41
Figura 48. Planta do Centro Cultural (nível 460,00).....	42
Figura 49. Planta de cobertura das oficinas.....	42
Figura 50. Planta de cobertura do Centro Cultural.....	42
Figura 51. Corte A.....	43
Figura 52. Corte B.....	43
Figura 53. Corte C.....	43
Figura 54. Corte D.....	43
Figura 55. Vista aérea da área.....	44
Figura 56. Vista do pedestre.....	44
Figura 57. Vista aérea da área de lazer e passarela.....	45
Figura 58. Vista da passarela e do Centro Cultural.....	45
Figura 59. Centro Cultural.....	46
Figura 60. Vista interna do Centro Cultural, com a área de exposições no nível inferior e o café na estrutura metálica.....	46
Figura 61. Vista interna da área de exposições.....	47
Figura 62. Café e bar.....	47
Figura 63. Vista do terraço do bloco de oficinas.....	48
Figura 64. Arquibancada ao ar livre.....	48
Figura 65. Biblioteca.....	49

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	9
2	MATERIAIS E MÉTODOS .....	9
2.1	OBRAS CORRELATAS .....	9
2.1.1	Parque da Juventude .....	9
2.1.2	The Forge Offices and Exhibition Space .....	11
2.1.3	Usina de Energia Beloit College .....	14
2.1.4	Battersea Power Station .....	16
2.2	ANÁLISE DOS MAPAS .....	18
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	22
3.1	PROCESSOS DE RECUPERAÇÃO DE EDIFICAÇÕES .....	22
3.2	O MUNICÍPIO DE PEDERNEIRAS .....	24
3.2.1	Cerâmicas da cidade.....	26
3.2.2	Análise da malha urbana .....	27
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	29
4.1	PROPOSTA PROJETUAL – TFG I.....	29
4.2	ANTEPROJETO – TFG II.....	38
5	CONCLUSÃO .....	49
	REFERÊNCIAS .....	50
	APÊNDICE A – FOLHA 01/02 (TFG I) .....	52
	APÊNDICE B – FOLHA 02/02 (TFG I).....	53
	APÊNDICE C – FOLHA 01/04 (TFG II) .....	54
	APÊNDICE D – FOLHA 02/04 (TFG II) .....	55
	APÊNDICE E – FOLHA 03/04 (TFG II).....	56
	APÊNDICE F – FOLHA 04/04 (TFG II).....	57



## **CULTURA COMO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO: REVITALIZAÇÃO DA CERÂMICA PEDERNEIRAS**

Sílvia Larissa Cardoso de Oliveira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO)  
sil.oliveira04@outlook.com

### **RESUMO**

O presente projeto propõe a revitalização da área da antiga Cerâmica Pederneiras, edifício com grande valor histórico e cultural, devido a importância econômica do setor oleiro para o desenvolvimento do município, e que se encontra abandonado. Com o objetivo de ressignificar o espaço, as estruturas originais restantes serão preservadas e os edifícios anexos, com estilo contemporâneo, representarão um encaixe perfeito entre o passado e o futuro, atraindo pessoas para a área e oferecendo à população cultura e educação, fazendo com que a cerâmica volte a gerar frutos para a cidade.

Palavras-chave: Revitalização; Cerâmica; Pederneiras.

### **ABSTRACT**

This project proposes the revitalization of the area of the old Ceramica Pederneiras, building with great symbolic value due to the economic importance of the pottery sector for the development of the municipality, and that is abandoned. In order to re-signify the space, the remaining original structures will be preserved and the annex buildings in a contemporary style, will represent a perfect fit between the past and the future, attracting people to the area and offering the population culture and education, making the pottery bear fruit for the city again.

Keywords: Revitalization; Pottery; Pederneiras.

## 1 INTRODUÇÃO

A ressignificação de edifícios é de extrema importância para que seja mantida a história e a memória do local, além da conexão dele com os habitantes da cidade, devido a identidade criada ao longo dos anos. A revitalização de áreas relevantes para a história faz com que a população se aproxime mais da história e possibilita que ela volte a ter alguma função, gerando a criação de novos vínculos e memórias.

Além disso, a preservação do patrimônio pode ter um impacto no turismo e na economia local e regional. Através da conservação desses edifícios, é possível atrair mais pessoas com interesse de conhecer a arquitetura e a história por trás dela, gerando um turismo cultural e estimulando o comércio local.

Como área de intervenção, temos a antiga Cerâmica Pederneiras ou Cerâmica Ruiz, localizada no município de Pederneiras-SP, que teve um papel importante para o desenvolvimento da cidade durante décadas. Muito relevante principalmente para a economia, encontra-se atualmente, com apenas uma parte das estruturas originais e sem uso.

O projeto visa a preservação das estruturas originais da Cerâmica, propondo novos usos para o local, a fim de conectar a população com parte importante da história da cidade ao mesmo tempo em que as pessoas podem ter acesso a atividades culturais, de ensino e lazer.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para a elaboração dessa proposta projetual, o referencial teórico está composto por dissertações, teses e livros que abordam os conceitos básicos e a história do município em que a área está alocada.

Foram analisadas obras de revitalização em edifícios industriais, buscando entender a forma como a técnica foi aplicada em cada caso e analisando pontos que poderiam ser relevantes para o edifício em questão.

Por fim, a realização de visita técnica na área de intervenção, para conhecer o espaço, entender a topografia e realizar levantamento das estruturas existentes.

### 2.1 OBRAS CORRELATAS

As obras correlatas a seguir serão analisadas quanto a seus programas de necessidades, relação entre os ambientes e as áreas preservadas e revitalizadas, assim como sua concepção formal, com o intuito de serem usadas como referência no desenvolvimento da proposta projetual desse trabalho.

#### 2.1.1 Parque da Juventude

Ficha técnica:

Uso: Parque, edifício educacional.

Arquitetos: Rosa Kliass, Aflalo & Gasperin

Área: 240.000m<sup>2</sup>

Ano do projeto: 2003 (1ª etapa), 2004 (2ª etapa), 2007 (3ª etapa)

Localização: São Paulo – SP, Brasil.

Localizado na zona norte de São Paulo, o Parque da Juventude está em um amplo espaço onde funcionou, por quase meio século, o Complexo Penitenciário do Carandiru, o maior presídio da América Latina. O projeto de Rosa Kliass juntamente ao escritório Aflalo & Gasperini, vencedor de concurso do Estado de São Paulo, têm três grandes setores: área esportiva; área central, composta por trilhas e caminhos; e a área institucional e cultural, com a Etec Parque da Juventude e a Biblioteca de São Paulo (ARCHDAILY, 2023). (Figura 1).

**Figura 1.** Vista aérea do Parque da Juventude



Fonte: Google Earth.

A primeira etapa, inaugurada em 2003, conta com a parte de atividades esportivas e um trabalho paisagístico que mudou o espaço, respeitando as espécies existentes e valorizando o córrego presente na área. Além disso, as estruturas remanescentes do pavilhão foram integradas ao projeto, por meio de decks e passarelas metálicas, respeitando a memória do antigo presídio e criando áreas de caminhada (Figura 2).

**Figura 2.** Região de caminhada entre as estruturas.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/880975/parque-da-juventude-paisagismo-como-ressignificador-espacial/59d4e606b22e38e53e0006d9-parque-da-juventude-paisagismo-como-ressignificador-espacial-foto>

Na segunda etapa, datada em 2004, foi elaborada para ser um espaço de descanso e observação, apenas com bancos no percurso. Nessa região também é possível notar muros e passarela de vigia que carregam a história, servindo como mirante, acessado através de escadas, para a paisagem modificada e para o córrego Carajás.

Posteriormente, inaugurada em 2007, a terceira etapa, idealizada pelo escritório Aflalo & Gasperini, conta com biblioteca, a praça e a ETEC, sendo essa última alocada em dois edifícios do antigo presídio reformados (Figura 3).

**Figura 3.** Edifício onde funciona a ETEC.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/880975/parque-da-juventude-paisagismo-como-ressignificador-espacial/59d56127b22e38831f00006b-parque-da-juventude-paisagismo-como-ressignificador-espacial-imagem>

Apesar de ter sido inaugurado em partes, o espaço apresenta uma continuidade, se encaixando em harmonia. Portanto, a proposta opta por dar novo uso e significado para um local com história tão marcante, mantendo algumas estruturas para não apagar o passado, e elaborando um projeto não apenas para a vizinhança, mas para moradores de outras regiões que tem acesso facilitado, além do grande trabalho paisagístico.

### 2.1.2 The Forge Offices and Exhibition Space

**Ficha técnica:**

Uso: Sede e espaço de exibição de instituição de caridade

Arquitetos: Emrys Architects

Área: 1700m<sup>2</sup>

Ano do projeto: 2017

Localização: Isle of Dogs, Tower Hamlets, Reino Unido.

Projeto realizado no histórico Millwall Ironworks, datado do século 19, acomoda a sede e espaço de exibição para a instituição de caridade Craft Central, e está localizado em Isle of Dogs, região dominada por grandes empresas comerciais (Figura 4).

**Figura 4.** Localização aproximada do projeto.



Fonte: <https://www.archdaily.com/922922/the-forge-offices-and-exhibition-space-emrys-architects>

Visando não interferir no patrimônio, o escritório propôs uma estrutura independente de madeira com dois andares, abrindo a possibilidade de criar múltiplos espaços na parte interna do edifício. O projeto conta com diversos estúdios independentes, salas de reuniões e espaço para eventos e exposições. Desde sua inauguração, em 2017, muitos microempreendedores da região se alocaram para as unidades adaptáveis de estúdios de modo fixo, além da possibilidade de alugar o espaço ocasionalmente, nas áreas de trabalho compartilhadas (Figura 5).

**Figura 5.** Espaço de trabalho compartilhado.



Fonte: <https://www.archdaily.com/922922/the-forge-offices-and-exhibition-space-emrys-architects/5d523ab3284dd17376000031-the-forge-offices-and-exhibition-space-emrys-architects-photo>

A preocupação em manter a identidade do local combinada com a busca da conexão do externo com o interno, por meio das grandes e marcantes janelas, são o diferencial do projeto (Figura 6).

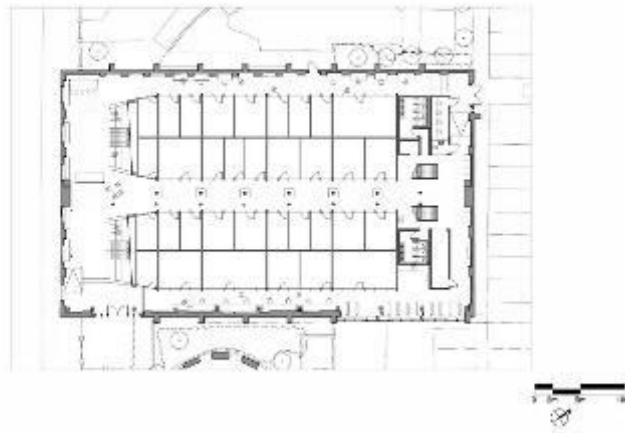
**Figura 6.** Fachada do edifício.



Fonte: <https://www.archdaily.com/922922/the-forge-offices-and-exhibition-space-emrys-architects/5d523b6b284dd17376000034-the-forge-offices-and-exhibition-space-emrys-architects-photo>

Com a estrutura montada de modo rápido e econômico, a flexibilidade dos espaços internos e a preferência da instituição em alavancar trabalhadores autônomos, retira o caráter elitista. As paredes externas pertencem a edificação, enquanto as paredes internas foram colocadas afastadas da estrutura original, como forma de preservar o patrimônio.

**Figura 7.** Planta do pavimento térreo.



Fonte: <https://www.archdaily.com/922922/the-forge-offices-and-exhibition-space-emrys-architects/5d523601284dd1c0e1000114-the-forge-offices-and-exhibition-space-emrys-architects-ground-floor-plan>

### 2.1.3 Usina de Energia Beloit College

**Ficha técnica:**

Uso: Escola

Arquitetos: Studio Gang

Área: 11000m<sup>2</sup>

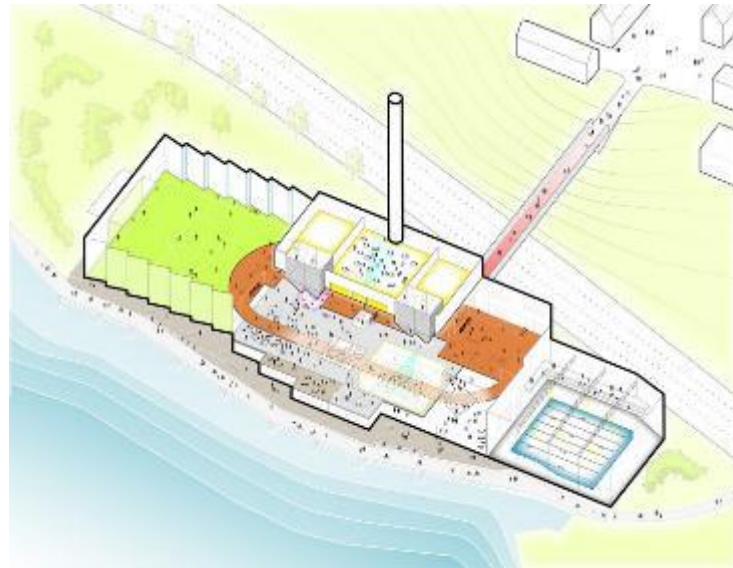
Ano do projeto: 2020

Localização: Beloit, Estados Unidos.

Projeto elaborado em um conjunto de edifícios da antiga Central Elétrica Blackhawk (1908-1947), fica localizado as margens do Rio Rock e próximo ao centro da cidade e do campus da universidade. Tem como objetivo preservar a arquitetura industrial e criar ambientes convidativos, não apenas para os estudantes, mas para a comunidade como um todo. Para atender todo o programa de necessidades, foi construído um galpão anexo que conta com ginásio, piscina de competição, pátio, diversos tipos de salas, um centro de conferências e um auditório. Essa nova estrutura se destaca formalmente da estrutura existente, deixando claro o edifício restaurado e o construído.



**Figura 8.** Esquema do edifício.



Fonte: <https://www.archdaily.com/922922/the-forge-offices-and-exhibition-space-emrys-architects/5d523601284dd1c0e1000114-the-forge-offices-and-exhibition-space-emrys-architects-ground-floor-plan>

Como forma de acesso e buscando conectar a antiga usina com o entorno, foram instalados um elevador de acesso público e uma passarela de pedestres. Esses caminhos criados unem o edifício com o campus da Beloit College e aos parques à beira do rio, atraindo um maior número de pessoas (figura 9).

**Figura 9.** Imagem aérea da antiga usina de energia.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/958982/revitalizacao-da-usina-de-energia-beloit-college-studio-gang/60397cdf91c81438d000171-beloit-college-powerhouse-studio-gang-photo>

### 2.1.4 Battersea Power Station

**Ficha técnica:**

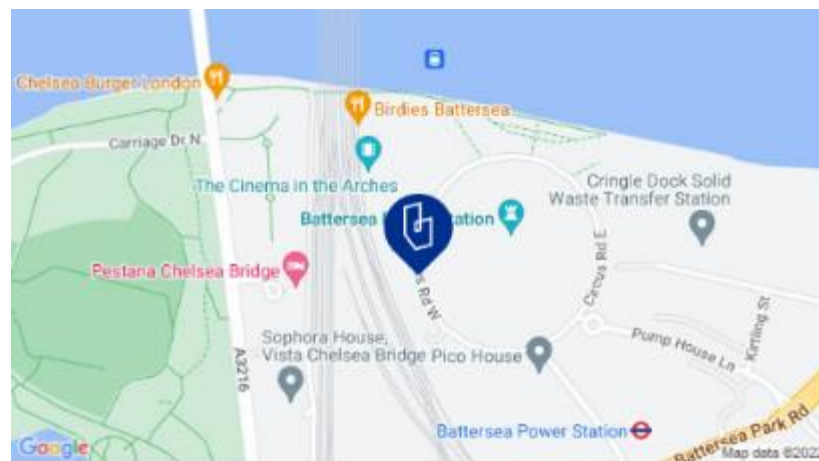
Arquitetos: WilkinsonEyre

Ano do projeto: 2022

Localização: Londres, Reino Unido

A antiga usina termelétrica de Battersea, construída na década de 1930 por Sir Giles Gilbert Scott e com as atividades interrompidas em 1983, ganhou diversos usos com o projeto do escritório WilkinsonEyre. Seu programa de necessidades é composto por espaços para eventos, restaurantes, cafés, escritórios e área residencial.

**Figura 11.** Localização aproximada da Battersea Power Station.



Fonte: Archdaily.

**Figura 10.** Imagem aérea da antiga usina.



Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/991853/battersea-power-station-wilkinsoneyre/6349af06e2ed0f653e86b09c-battersea-power-station-wilkinsoneyre-photo>

O projeto buscou preservar a identidade do edifício, principalmente em elementos marcantes como as quatro chaminés e as salas de turbinas, além de manter os grandes pé-direitos das entradas principais sul e norte como símbolo da grandeza do local.

Os apartamentos, de variados layouts, estão localizados dentro da estrutura existente da Central Elétrica, e é dividida entre: Switch House West e Switch House East, que ficam nas laterais do prédio, e no centro, no topo do telhado da chamada Boiler House. Para acessar as residências situadas na Boiler House, usa-se o elevador de vidro situado entre as vigas estruturais das chaminés. Já nos apartamentos das laterais, a entrada acontece por praças ajardinadas no nível do solo.

A área central do edifício, dividida em três níveis de galerias, acomoda restaurantes, lojas e espaço para eventos. As salas de controle da Power Station podem ser vistas onde se localiza o espaço de eventos (Sala de Controle A) e um bar (Sala de Controle B). Além disso, o espaço conta com seis andares no Boiler House com escritórios abertos de marcas internacionais.

Desse modo, observa-se que o projeto conseguiu dar diversos usos para o edifício, utilizando de uma setorização já existente para dividir as atividades e, conseqüentemente, propõe acessos que colaboram para que a circulação funcione.

**Figura 12.** Átrio de entrada para a ala de escritórios.

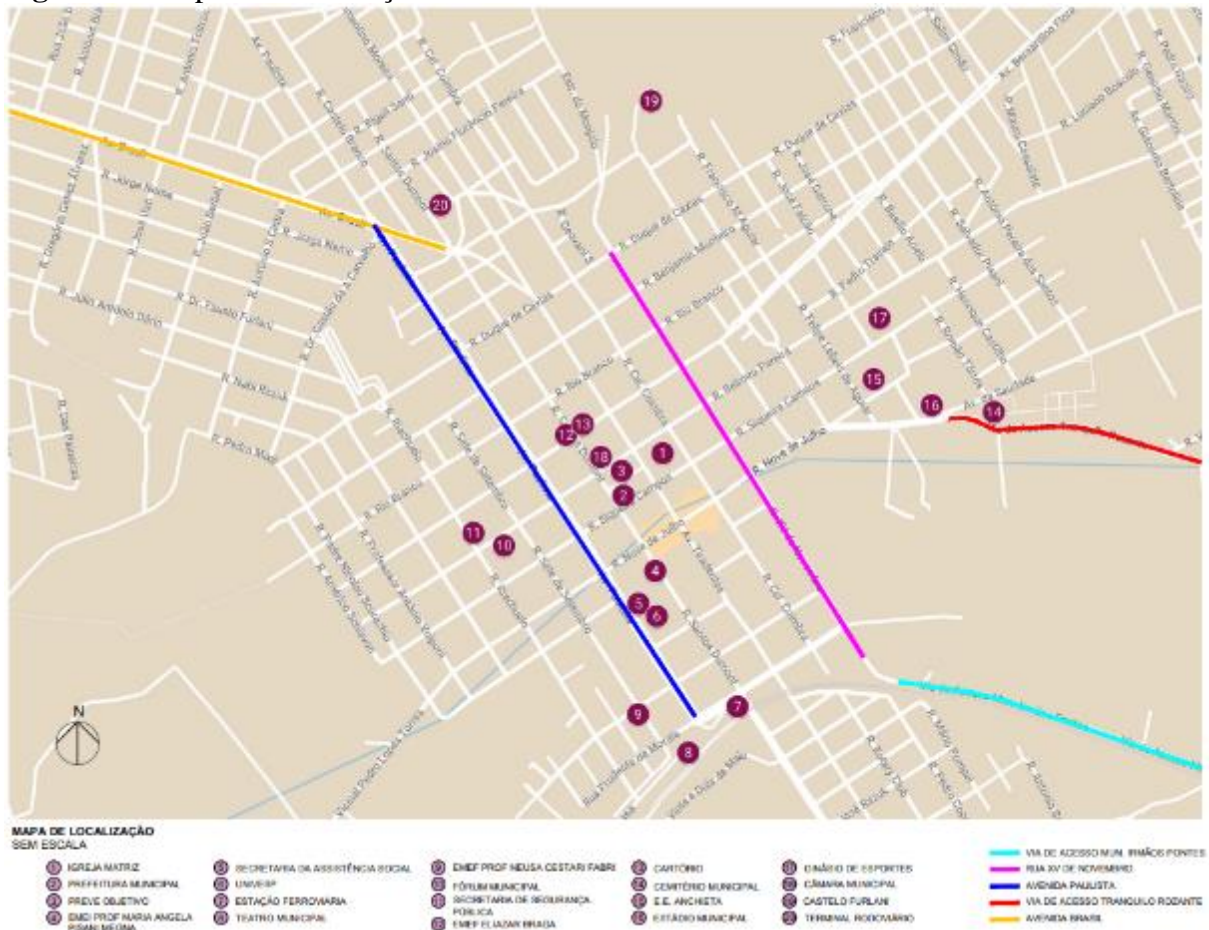


Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/991853/battersea-power-station-wilkinsoner/6349aeb6e2ed0f653e86b095-battersea-power-station-wilkinsoner-photo>

## 2.2 ANÁLISE DOS MAPAS

Com base no levantamento de dados realizado, é possível notar que a área de intervenção está localizada na zona central, perto de grande parte dos equipamentos urbanos do município, como órgãos municipais e a Igreja Matriz, símbolo da formação da cidade. Com exceção dos terrenos em que as olarias estão alocadas, a região estudada não apresenta grandes vazios urbanos, sendo que alguns desses já estão loteados para serem utilizados.

**Figura 13.** Mapa de Localização



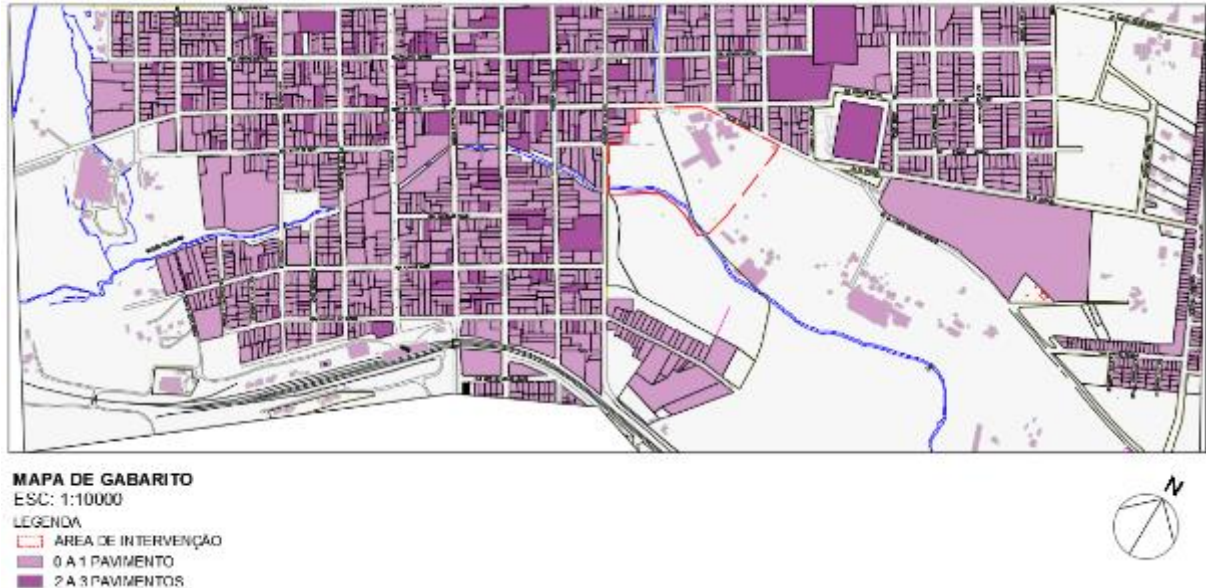
Fonte: Autora.

De acordo com a Lei de Zoneamento de Pederneiras, a área está alocada na Zona Especial de Interesse Cultural (ZEIC), ou seja, direcionada para atividades culturais e institucionais. Também consta no documento que os usos permitidos nessa zona característica incluem: uso cultural de todos os portes, uso institucional de todos os portes, além de usos não predominantes permitidos sob exigência do Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV), serviços e comércio de pequeno porte e de médio porte (esse último somente próximo às vias estruturais), uso residencial urbano 2, turismo urbano de pequeno e médio porte e uso de lazer acima de 10.000m<sup>2</sup> (somente junto às vias).

No título VII do Plano de Valorização do centro histórico do Município de Pederneiras presente na Lei de Zoneamento, art. 108, indica que o poder público é responsável pela preservação da antiga cerâmica (a área de intervenção desse projeto), bem como da Subestação de Energia da estrada de ferro, entendendo esses locais como símbolos importantes do município.

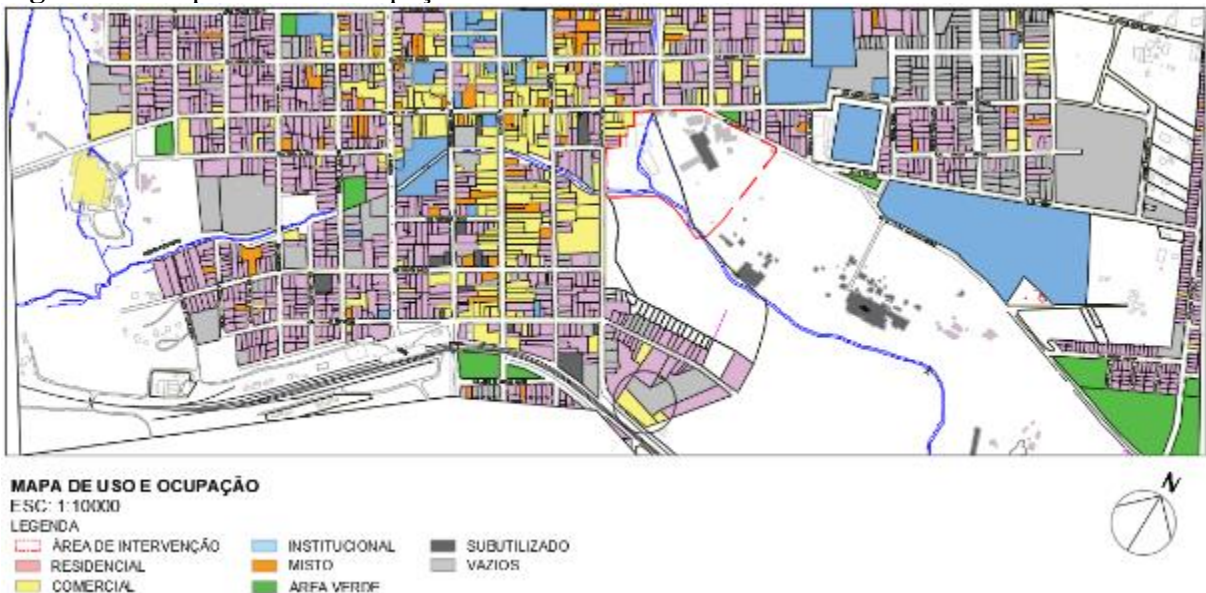
Com relação aos usos, apesar de ser uma área central, grande parte tem uso residencial, tendo um comercial concentrado nas quadras próximas à Igreja Matriz. O gabarito é predominantemente composto por edificações de 1 pavimento, com poucos de 2 pavimentos concentrados na região. Vale ressaltar que na zona em que pertence, o gabarito máximo permitido é de até 4 pavimentos.

**Figura 14.** Mapa de gabarito.



Fonte: Autora.

**Figura 15.** Mapa de uso e ocupação.

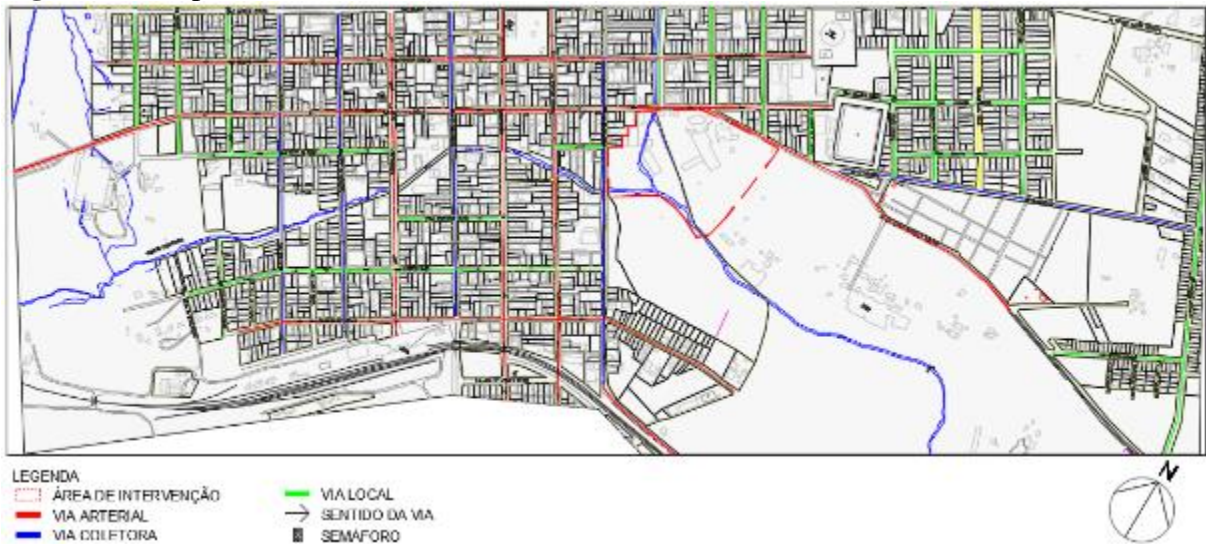


Fonte: Autora.

Acrescentando à grande predominância dos usos comerciais e residenciais, é possível perceber que determinadas áreas acabam ficando vazias em determinados períodos do dia, sendo necessária a instalação de novos usos que atraiam a população nos mais variados momentos.

As ruas XV de Novembro e Nove de Julho são consideradas como vias arteriais por apresentar um fluxo intenso e ser uma das poucas vias de acesso para a região. Além disso, a marginalização do local ocasiona problemas que afetam à convivência social, tornando o local perigoso para a vizinhança. Por estar localizado em vias de interligação do centro para a rodovia e outros pontos da cidade, pode-se dizer que a área de intervenção é de fácil acesso e geraria um movimento bem maior para a região mais antiga do município.

**Figura 16.** Mapa de fluxos.



Fonte: Autora.

A área de intervenção aloca parte da antiga Cerâmica Pederneiras, tendo as estruturas do que supõe ser a parte central do edifício original, além de uma pequena construção ao lado com instalações elétricas da época. Outro elemento a ser preservado é a chaminé maior, próxima da edificação, bem como as outras chaminés que estão dos dois lados do terreno, que é separado pelo Ribeirão Pederneiras. A construção possui três níveis que, devido ao desnível do terreno, é feito com muros de arrimo de três a quatro metros, ainda com a mesma estrutura da época da construção.

**Figura 17.** Vista do segundo pavimento do edifício.



Fonte: Autora.

**Figura 18.** Vista da entrada no nível mais alto, à direita, a construção com as instalações elétricas.



Fonte: Autora.

**Figura 20.** Vista do nível mais baixo.



Fonte: Autora.

**Figura 19.** Vista interna do pátio.



Fonte: Autora.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As constantes mudanças na economia global e a globalização trouxeram muitos impactos, como a formação de uma hierarquia global de cidades. Além disso, o capital imobiliário é importante no processo de competição entre os lugares para atrair investimentos e moradia da população de maior nível de renda, como processo de gentrificação. Concomitante a isso, aumenta a preocupação com a preservação da memória arquitetônica, onde “tem-se a base para entendermos todo um conjunto de processos de recuperação de edificações e áreas urbanas degradadas, conhecidos como revitalização, renovação, requalificação e reabilitação”. (CARDOSO, 2007).

#### 3.1 PROCESSOS DE RECUPERAÇÃO DE EDIFICAÇÕES

De acordo com MOURA et al (2006), revitalização é “um processo de planejamento estratégico, capaz de reconhecer, manter e introduzir valores de forma cumulativa”, intervindo a médio e longo prazo. Desse modo, a revitalização urbana exige uma intervenção que ocasione a melhoria na qualidade do ambiente urbano, bem como as condições socioeconômicas e da vida da população de uma determinada região, “atuando de forma integrada e concertando muitos domínios e dimensões de intervenção”. (MOURA et. al. 2006, p. 21).

Em 1960 surgiu o termo revitalização, em um momento em que a degradação das áreas históricas estava no ápice, em especial nos centros urbanos devido o deslocamento da população residente para áreas periféricas e de investimentos em outras regiões. A fim de combater esse processo, intervenções urbanas e arquitetônicas começaram a ter espaço, buscando reverter a situação (PASQUOTTO, 2010). Ainda segundo PASQUOTTO (2010), “o emprego do termo tornou-se mais utilizado a partir da implementação das primeiras leis de preservação de contextos urbanos, no chamado terceiro movimento de preservação”.

A Carta de Veneza, publicada em 1964, expande o conceito de monumento histórico, ampliando o termo “a todo conjunto representativo, mesmo modesto, testemunho de evoluções, civilizações ou acontecimentos históricos” (PASQUOTTO, 2010). Ademais, revitalização era empregada para as ações que tinham como foco a “recuperação e preservação do patrimônio histórico urbano”. (PASQUOTTO, 2010).

Na década de 90 o termo “revitalização” passa a ser questionado, pois sua atuação não era condizente com as teorias intrínsecas em sua nomenclatura. Tais intervenções acabaram por expulsar a população residente, o comércio e as atividades peculiares do local. Assim, surge o imperativo de mudar o enfoque das operações urbanas e conseqüentemente, de encontrar outro termo que se adequasse melhor às necessidades atuais. Com tais diversidades de atuação e causa, vários termos foram utilizados, que englobavam valores econômicos e patrimoniais (reconversão, recomposição, reciclagem, reinvestimento), valores sociais (regeneração, reocupação e repovoamento), entre outros (PASQUOTTO, 2010).

A segunda forma de intervir em espaços degradados é a requalificação, e pode ser entendida como “[...]um instrumento para a melhoria das condições de vida das populações, promovendo a construção e recuperação de equipamentos e infraestruturas e a valorização do espaço público com medidas de dinamização social e econômica” (MOURA et. al. 2006, p. 20). Ao buscar reintroduzir a qualidade urbana para uma área, muda-se o valor dela nos níveis econômico, cultural, paisagístico e social.

Dessa forma, pode possuir um “caráter mobilizador, acelerador e estratégico” (MOURA et al, 2006, p. 20). Por outro lado, a requalificação prevê a melhoria de vida da sociedade, o que significa que essa melhoria seja diretamente revertida sobre os moradores ou usuários das áreas de intervenção, já que não se espera a substituição de um grupo por outro,



característica encontrada nas ações de renovação urbana onde se tem uma substituição dos moradores antigos por novos, geralmente com níveis financeiros diferentes (CARREIRA, 2017).

Do mesmo modo, ao procurar reintroduzir “qualidades urbanas de acessibilidade,” está a ser considerada a necessidade de se encontrar soluções para as questões inerentes à vida quotidiana uma vez que o crescimento das cidades criou problemas de mobilidade e de acesso aos equipamentos sociais mais básicos por parte da população economicamente mais vulnerável que frequentemente depende de transportes coletivos para ir do trabalho para casa e de casa para o trabalho diariamente. Diante disso, relativamente à mobilidade, pretende-se criar mecanismos que tratem da articulação entre as várias áreas da malha urbana proporcionando às populações o acesso à vida urbana e de tudo aquilo que lhe é indissociável, que passa fundamentalmente pela criação de redes de transportes coletivos. Já na acessibilidade pode-se argumentar que nela figura o “direito à cidade” (CARREIRA, 2017, p. 36).

Para Del Rio (1991 apud PASQUOTTO, 2010, p. 146), diferente da Renovação Urbana, a requalificação é uma “nova postura que se distancia igualmente, tanto dos processos traumáticos de renovação seletiva de áreas desocupadas, preservação de interesse histórico e cultural, reciclagem cuidadosa de usos em imóveis históricos, promoção de novos usos e recuperação ambiental”.

Já a reabilitação se apresenta como outra maneira de atuar nas áreas deterioradas. Essa política busca readequar o tecido urbano degradado, dando ênfase no caráter residencial, além de intervir em dois campos, o edificado e o da paisagem. O primeiro não apenas reabilita os edifícios habitacionais como os outros edifícios pertencentes à área de intervenção, e não necessariamente todos são restaurados, podendo implicar em demolição ou a construção de novos elementos. Na paisagem urbana, a reabilitação prioriza os elementos visuais, como as fachadas, monumentos e elementos urbanos historicamente importantes. (MOURA et al. 2006, p. 18-19).

Segundo SALGUEIRO (1992 apud MOREIRA, 2007, p. 118)

reabilitação é um processo integrado sobre uma área que se pretende manter ou salvaguardar. No geral envolve o restauro ou conservação dos imóveis, a que alguns chamam de reabilitação física, e a revitalização funcional, ou seja, a dinamização do tecido econômico e social, uma vez que manter um bairro implica conservar as suas características funcionais, aumentar a sua capacidade de atracção, quer para os habitantes, quer para o exercício de atividades econômicas e sociais compatíveis com a residência”.

Outra forma de conceituar a reabilitação é dizer que se trata de um processo que visa melhorar e recuperar determinado patrimônio, em seu aspecto funcional, social e econômico. Também pode ser entendida como “uma ação que preserva ao máximo as estruturas, de modo a adaptá-las a um novo uso ou função, sem alterar seu valor histórico” (SANTOS, 2017).

A reabilitação de edifícios com valor patrimonial traz consigo uma nova fase, que possui como premissa a adaptação a novos usos. Porém, esses usos devem estar pautados em estudos cautelosos, contribuir para a manutenção das características do edifício, além de atender as necessidades locais. Assim, permitir ao patrimônio uma atividade rentável, que fomente sua manutenção e reuso pode constituir um dos aspectos importantes para a preservação (TALAMINI, 2014 apud SANTOS, 2017, p. 51).

Desse modo, pode-se afirmar que a reabilitação consiste na intervenção visando o reuso e deve ser fundamentada no restauro (SANTOS, 2017).

Diferentemente dos processos anteriores, a Renovação consiste na demolição da edificação para substituir por outra nova, normalmente com características diferentes e novas atividades econômicas adaptadas ao processo de mudança urbana. Essa política implica em uma reocupação das áreas centrais pelas atividades econômicas de grande porte e a expulsão de parte considerável de residências desses centros, bem como de comércios de fraca capacidade econômica. A renovação atinge intervenções em larga escala e integral, o que implica em uma mudança estrutural de tocante morfológico, funcional e social. (MOURA et al, 2006).

Também pode ser conceituado como

[...] ação que implica a demolição de estruturas morfológicas e tipológicas em um setor urbano degradado e sua conseqüente substituição por um novo modelo urbano, com novas construções (pela adoção de tipologias arquitetônicas contemporâneas) configurando um setor com uma nova estrutura funcional. Hoje, esta estratégia se desenvolve sobre os tecidos urbanos degradados nos quais não se reconhece valor enquanto patrimônio arquitetônico ou conjunto urbano a ser preservado. (CARDOSO, 2007 p. 33).

### 3.2 O MUNICÍPIO DE PEDERNEIRAS

Até meados do século XIX, todo o oeste do estado de São Paulo se encontrava pouco explorado e com difíceis acessos. As poucas vilas criadas, devido à passagem de tropeiros ou por decretos do governo para manutenção do território, como Campinas, Piracicaba, Botucatu, Itapeva e Itapetininga, tinham dificuldades para sobreviverem devido ao seu isolamento. Toda esta região ainda desocupada atraiu pioneiros do estado vizinho, Minas Gerais, que estava com a economia abalada devido à decadência da produção de metais. Estas terras devolutas estavam ali então para serem apossadas pelos mineiros, que trazem de sua terra natal suas técnicas de cultivo e modo de vida, desenvolvendo inicialmente uma agricultura de subsistência (DERNTL, 2010).

Nesse contexto, o território do município de Pederneiras permanecia ocupado por indígenas caingangues até 1840, e também chegavam várias pessoas do estado de Minas Gerais que buscavam escapar do recrutamento para a Revolta Liberal, através do rio Tietê. Nomes como Pinheiro Machado, fundador da fazenda Monte Alegre, formou o pequeno povoado Nossa Senhora das Dores do Cimo da Serra, que atualmente equivale a cidade de Botucatu e, a partir do núcleo de Botucatu, surgiram os bairros rurais Espírito Santo da Fortaleza e Lençóis. A paróquia de Botucatu era quem organizava a distribuição das terras da cidade, na qual eram vendidas por cerca de dois mil réis para os que chegavam (SOUZA, 2011).

Os primeiros posseiros do território foram os sertanistas Manoel dos Santos Simões e seus filhos Manoel Leonel dos Santos e João Leonel dos Santos, que chegaram em 1848 criando a “Fazenda Pederneiras”. A Fazenda pertencia a Botucatu, que em meados de 1850, era o maior núcleo de povoamento do sertão oeste paulista (ROSA, 2020). Dez anos depois da criação da primeira paróquia, o território foi elevado à categoria de freguesia e, por decreto, após campanha liderada pelo Coronel Coimbra, em 1865 criou-se o município São Sebastião da Alegria e, posteriormente, Pederneiras (SOUZA, 2011).

Por volta da década de 1880, 8% da população da região do Oeste Paulista vivia no município (FERNANDES; DOMINGUES, 2018 apud ROSA, 2020) e a partir da década de 1880 e 1890 muitos imigrantes de várias nacionalidades começam a se instalar na região: povos árabes, espanhóis, italianos, japoneses, letos e portugueses (ROSA, 2020).

Segundo informações da Prefeitura Municipal de Pederneiras:

Em 14 de junho de 1887, Aureliano Gonçalves da Cunha e a esposa doaram um alqueire de terra para a construção da Igreja, marcando na escritura o prazo de seis anos para a realização da obra sob pena de reverter à gleba ao patrimônio dos doadores. (HISTÓRIA DE PEDERNEIRAS, 2022).

Em 1892, iniciou-se a campanha para a criação da Comarca de Pederneiras e em 2 de setembro do mesmo ano, foi criada a Paróquia de Pederneiras, no local onde está a Travessa Anchieta nos dias atuais, e quando foi nomeado o Vigário Padre Nicolau Scoraquio (PENTEADO, 1988 apud ROSA, 2020). A capela se tornou referência para a região que incluía distritos e bairros como Bauru, Espírito Santo da Fortaleza e Agudos.

O grande número de cerimônias lá realizadas se relaciona, seguramente, à considerável população que habitava o entorno daquele incipiente núcleo urbano que se tornara freguesia em 1889 e município em 1891 (FERNANDES; DOMINGUES, 2018 apud ROSA, 2020, p.85).

Em 23 de maio de 1894, o município passou a adotar o nome de Pederneiras, por decisão unânime na Câmara. Em 1896, Pederneiras possuía 89 casas, todas na atual rua 9 de julho. Nas ruas Municipal (atual Siqueira Campos), Coronel Coimbra e 15 de novembro, a Vila ficava à esquerda do Ribeirão Pederneiras, enquanto na margem direita se encontrava uma floresta densa, com duas exceções: a olaria de Alberto Borsetto (que depois passou a pertencer aos irmãos José e Camilo Razuk) e uma casa de Eliazar Braga, no caminho para o Porto de Lençóis” (PENTEADO, 1988 apud ROSA, 2020, p.98).

O povoamento da cidade estava vinculado à implantação de ferrovias no oeste do estado, principalmente em Bauru, que era um nó ferroviário: “A Companhia Paulista de Estrada de Ferro, que desde 1887 chegava à Jaú, atinge Pederneiras em 1904” (FARRENERG, 1998 apud ROSA, 2020, p. 41).

Em 1904, a estrada de ferro chegou à cidade pela Companhia Paulista que trazia perspectivas de desenvolvimento que se estruturaram em torno de obras mais necessariamente imediatas como a da Santa Casa Municipal e a da ponte sobre o rio Tietê (SOUZA, 2011, p. 25).

Ainda de acordo com estudos de Souza (2011)

De 1909 a 1919 Pederneiras teve um desenvolvimento rápido. Houve o surgimento de pontes e igrejas, um sistema de energia elétrica, limpeza pública e completou-se o saneamento básico levando água e esgoto para a parte baixa da cidade; foram fundados jornais locais; construiu-se o matadouro e o Grupo Escolar (Grupo Escolar de Pederneiras, tempos depois chamado Grupo Escolar Eliazar Braga, em homenagem à atuação política de um coronel). O prédio tornou-se rapidamente um dos símbolos desse desenvolvimento da região, um monumento, construído na parte alta da cidade (revelando a cessão de um local privilegiado).

A intenção inicial era que Pederneiras, pertencente a Comarca de Lençóis passaria ao município de Jaú, enquanto Barra Bonita (que era de Jaú) passaria a pertencer a Lençóis. Porém, antes que isso acontecesse, em 12 de dezembro de 1927, sob o decreto n 2.222, foi criada a Comarca de Pederneiras, sendo instalada apenas em 26 de abril de 1928, sob a gestão do prefeito Fausto Furlani (ROSA, 2020). Após o ato oficial, houve comemoração no Castelo Furlani, casa do prefeito; o castelo costumava ser o palco para muitas comemorações oficiais do Município, porém a partir da década de 60, a vida política no castelo foi perdendo força e passou a ganhar importância histórica e turística (DARLO, 1991c apud ROSA, 2020, p. 169).

### 3.2.1 Cerâmicas da cidade

Pederneiras teve a produção de cerâmica como a segunda riqueza do município, durante primeira metade do século XIX. Razuk (2009 apud ROSA, 2020, p.176) aponta que a grande quantia de barro e argila no rio Tietê, propiciou a instalação de olarias e cerâmicas, entre elas: Cerâmica Borsetto, Cerâmica Razuk, Cerâmica Sapucaí, Cerâmica Massad e Cerâmica Pederneiras. Eram dezenas os estabelecimentos que forneciam tijolos, manilhas e telhas para a Companhia Paulista e para todo o estado de São Paulo, empregando centenas de trabalhadores (ROSA, 2020).

Por conta disso, urbanisticamente, a cidade passou a se expandir na direção noroeste, onde se instalaram as cerâmicas Romero e São João e, na outra margem da ferrovia, no sentido sudeste, onde foram implantadas as cerâmicas Massad, Fornazari, entre outras (FARRENERG, 1998 apud ROSA, 2020).

A cerâmica Borsetto foi a primeira a ser construída na margem esquerda do Rio Tietê, comandada pelo proprietário Alberto Borsetto (DARLO, 1991<sup>a</sup> apud ROSA, 2020, p. 176).

A empresa tinha mais de 80 operários, fornecendo telhas e tijolos para a Companhia Paulista de Estradas de Ferro para as construções de suas estações. Anexa à Estação de Pederneiras, Alberto também construiu outra cerâmica para facilitar o embarque dos produtos nos trens; em 1927 foi adquirida por José Razuk e seu irmão, e passou a exportar seus produtos para todo o estado de São Paulo e até para a Bolívia. A Cerâmica Sapucaí tinha como proprietários Carlos Mendes e Sebastião Mendes Neto. E a Cerâmica Massad, de propriedade de João Massad, possuía 23 fornos na fabricação de telhas, tijolos e lajotas, chegando a produzir um milhão de peças/mês. Além da cerâmica, João Massad instalou a firma Rumatra que tratava de reformas e manutenção de tratores de esteira (RAZUK, 2009 apud ROSA, 2020, p. 176).

A Cerâmica Pederneiras produzia tijolos, telhas, manilhas de diversos tamanhos, inclusive manilhas vitrificadas que, naquela época, eram muito valorizadas, enquanto a Cerâmica Ruiz exportava material até para Bolívia. Essa prosperidade e sucesso no setor, no entanto, foram impedidos de prosseguir devido a criação da Usina Hidrelétrica Álvaro Souza Lima em Bariri.

**Figura 21.** Imagem da região da Cerâmica em meados de 1960.



Fonte: Grupo Apaixonados por Pederneiras.

Durante a década de 60, com a construção da Usina, várias jazidas de argila que alimentavam as unidades oleiro-ceramistas foram inundadas: em 1966, 2,8% das terras do município foram soterradas (FARREBERG, 1998 apud ROSA, 2020). Por conta disso, as margens do rio que forneciam a matéria-prima para essas indústrias ficaram sob as águas, inviabilizando a continuidade de muitas indústrias nesse setor (ROSA, 2020). Isso porque a retirada da matéria prima se tornou muito mais difícil e custosa, o que impedia as cerâmicas de continuarem seus ofícios. Ao todo, cerca de 30 olarias cerâmicas foram extintas, acabando com o emprego de 4.500 pessoas que trabalham nesse setor, numa época em que a cidade tinha cerca de 18 mil habitantes (DARLO, 1991b apud ROSA, 2020).

Como descreve Rinaldo T. Razuk (apud ROSA, 2020), “então quase todas as olarias e cerâmicas foram abandonadas quando o rio começou a ser represado pelas usinas de Bariri e as outras usinas foram represando o rio e o barro acabou, porque o barro ficou lá embaixo e a água subiu”.

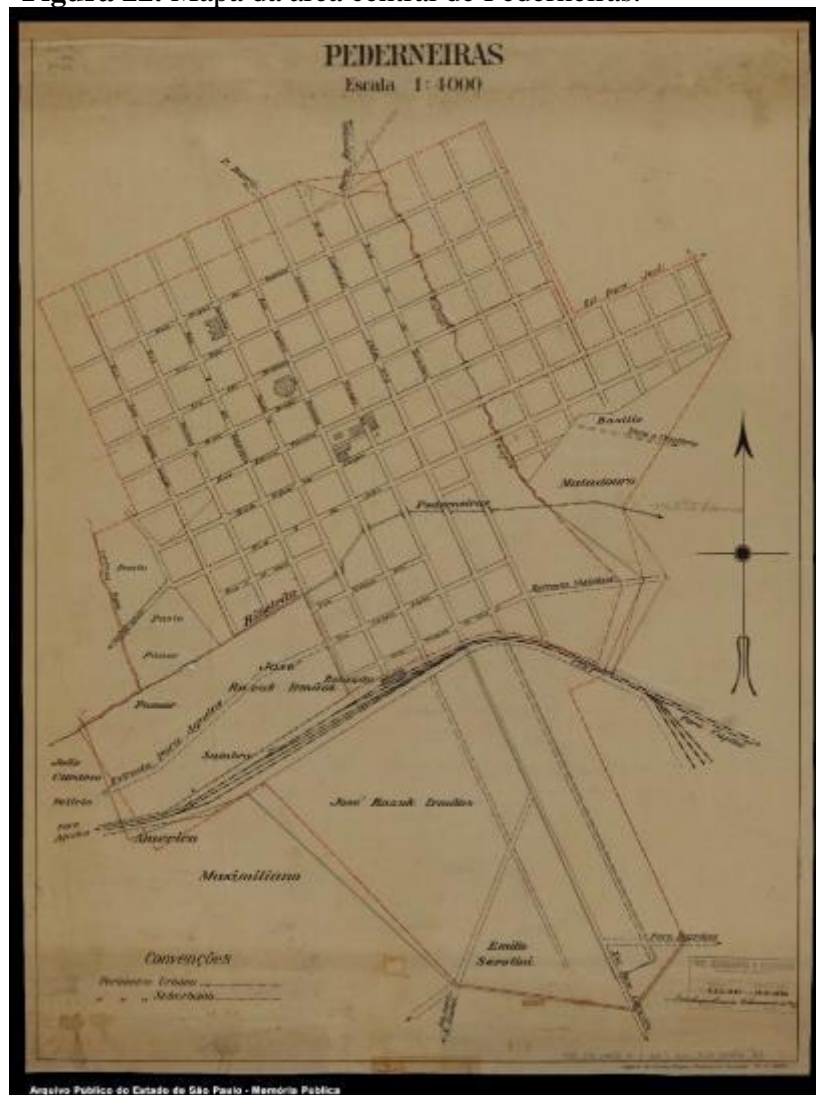
### 3.2.2 Análise da malha urbana

Pederneiras, como já tratado anteriormente, teve sua formação e desenvolvimento atrelado a Igreja e a implantação da ferrovia, assim como aconteceu com outras cidades da região. A presença da ferrovia foi um fenômeno essencial nas cidades do Centro-Oeste Paulista. A construção dessas teve como principal essência a interligação com as cidades produtoras da agricultura do café - que na época era uma das principais manufaturas que rendia grandes lucros ao mercado – a capital e aos portos. Além disso, para que uma vila ou município passasse a ser reconhecido como tal, era necessário que possuísse acesso no local,

papel que a ferrovia desenvolvia com muita eficiência, e com isso proporcionava crescimento econômico e a formação e expansão urbana do sítio. (GHIRARDELLO, 2010).

A formação inicial da malha do município era projetada entre a linha férrea e o Ribeirão Pederneiras. No mapa abaixo (figura 6), pode-se analisar que a malha da cidade foi estruturada de forma reticulada, tendo a Igreja ao centro. No limite inferior da malha, encontra-se a linha férrea, pertencente a Companhia Paulista, que foi muito importante para o desenvolvimento do município e que muda o desenho urbano. Nota-se que as quadras que são maiores estão cortadas pelos traçados do Córrego Mojolo (vertical) e do Ribeirão Pederneiras (horizontal), que se cruzam no canto inferior direito na área do Matadouro.

**Figura 22.** Mapa da área central de Pederneiras.



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Com relação a área urbana do município, na figura 13 é possível identificar que a Igreja se manteve como o centro da malha e que o desenho reticular foi mantido em praticamente toda a sua distribuição. A linha férrea e a área do antigo matadouro ainda são marcantes no traçado urbano. Em vermelho, está marcada a Igreja e a linha amarela representada a linha férrea.

**Figura 23.** Imagem de satélite da cidade de Pederneiras (2022).



Fonte: Google Earth.

Com o crescimento de Pederneiras, a malha urbana dos dias atuais apresenta diferenças da parte central do início de sua formação. Ao observar a área total do município, nota-se que o formato reticulado está presente em quase todas as partes, porém não estão de um modo contínuo. A partir do centro que se representa desde 1930, a distribuição das quadras foi realizada em sentidos diferentes. Também o marco do limite inferior do território do município mudou, tendo uma quantidade considerável de lotes além da linha férrea.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **4.1 PROPOSTA PROJETUAL – TFG I**

Com base no que já foi apresentado sobre a área, o projeto em questão visa a revitalização da parte restante da Cerâmica Pederneiras, grande marco no desenvolvimento do município no século passado que se encontra abandonado e desvalorizado.

Portanto, visando preservar o edifício histórico e, conseqüentemente, parte significativa da identidade da cidade, a estrutura de alvenaria original foi mantida e, buscando ressignificar o espaço com algo atual, foi proposto o uso de estruturas metálicas. Embora sejam distintas, as estruturas estão dispostas de modo que se encaixam e conversam harmonicamente, muito relacionado ao padrão de tamanho de pilares de ambas, mantendo um ritmo.

O projeto é dividido em 4 partes: cultural, ensino, área esportiva e comércio, tendo como peça principal o edifício da antiga cerâmica. Nele, está alocado o centro cultural, com o pavimento térreo reservado para exposições locais e temporárias e, por ser um grande salão, possibilita a flexibilidade de montagem de obras no espaço. Interligado a ele, está o prédio das oficinas e o auditório, onde serão oferecidos cursos para a comunidade buscando fortalecer o ensino de artes.

Além disso, próximo ao acesso pela Rua Nove de Julho, temos uma praça seca com salas disponíveis para o pequeno comércio local e, do outro lado do Ribeirão Pederneiras, há a área destinada a esporte e lazer, com academia ao ar livre e playground, além de espaço para caminhada e descanso.

**Figura 24.** Programa de necessidades.

A.01	Área expositiva	899,75	m <sup>2</sup>
A.02	Saguão	324	m <sup>2</sup>
A.03	Depósito	156	m <sup>2</sup>
A.04	Administrativo	156	m <sup>2</sup>
A.05	Cinema	280	m <sup>2</sup>
B.01	Saguão	142	m <sup>2</sup>
B.02	Oficina de cerâmica	67,42	m <sup>2</sup>
B.03	Sala de informática	39	m <sup>2</sup>
B.04	Oficina de música	39	m <sup>2</sup>
B.05	Oficina de dança	79,7	m <sup>2</sup>
B.06	Sanitários + circulação	147,4	m <sup>2</sup>
B.07	Oficina de dança	64,72	m <sup>2</sup>
B.08	Oficina de artesanato	36,85	m <sup>2</sup>
B.09	Oficina de pintura	37,67	m <sup>2</sup>
B.10	Sala de idiomas	37,67	m <sup>2</sup>
B.11	Sala de informática	41,95	m <sup>2</sup>
B.12	Administrativo	140	m <sup>2</sup>
B.12	Auditório	495,39	m <sup>2</sup>
C.01	Café	229,5	m <sup>2</sup>
C.02	Galerias	176,72	m <sup>2</sup>
D.01	Academia ao ar livre/Playground	464,23	m <sup>2</sup>
D.02	Quadra poliesportiva	285,05	m <sup>2</sup>
E.01	Praça central	1331,03	m <sup>2</sup>
E.02	Praça seca com deck	1514,88	m <sup>2</sup>

Fonte: Autora.

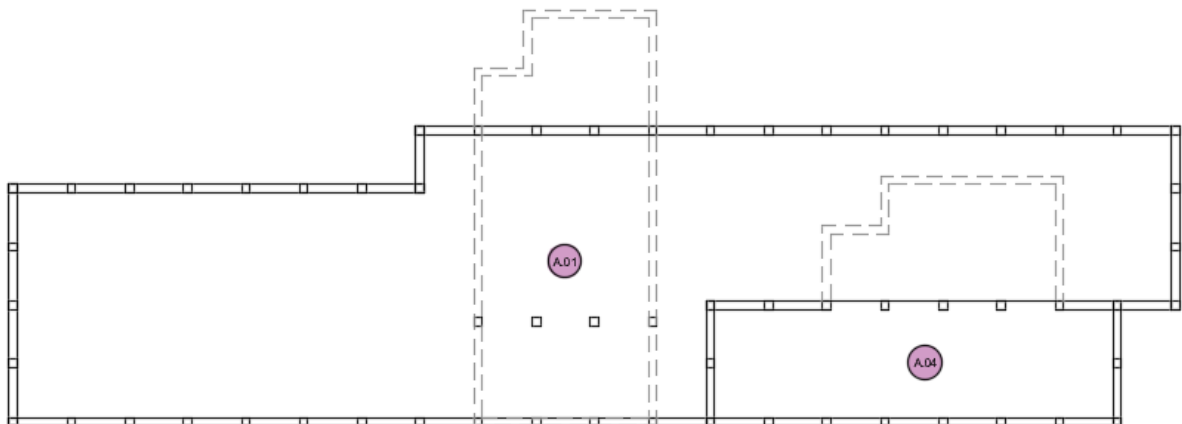


**Figura 25.** Macrozoneamento.



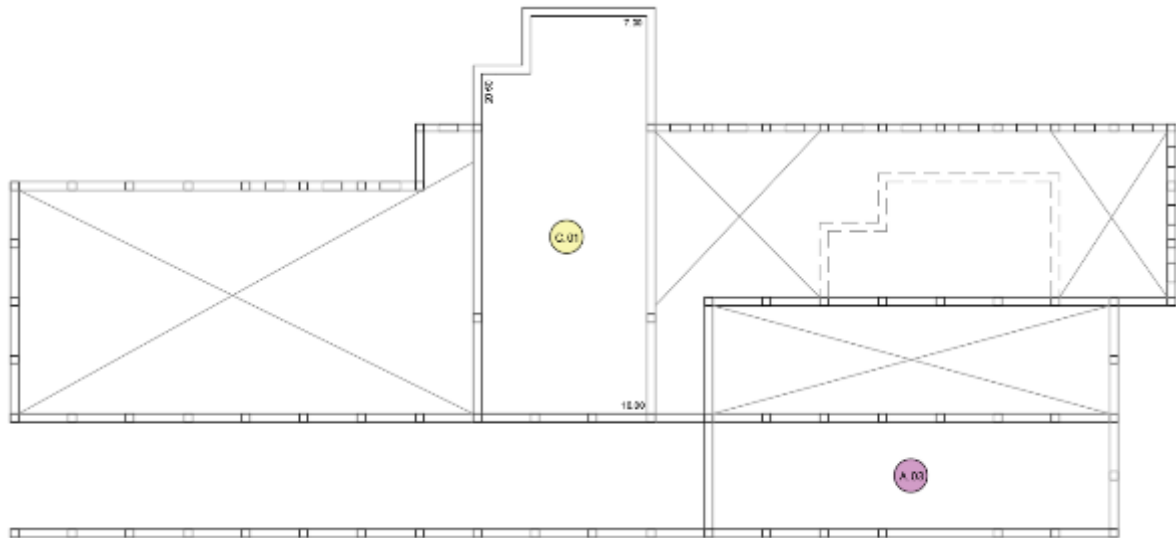
Fonte: Autora.

**Figura 26.** Planta do pavimento térreo – Centro Cultural.



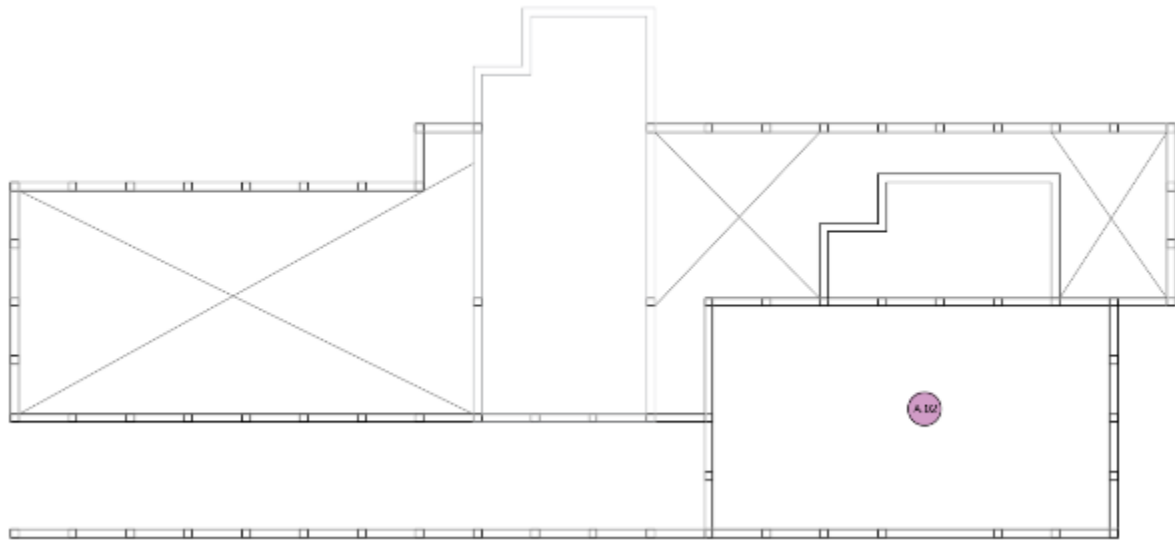
Fonte: Autora.

**Figura 27.** Planta do primeiro pavimento – Centro Cultural.



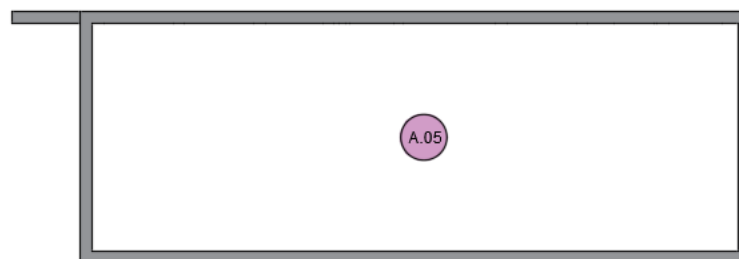
Fonte: Autora.

**Figura 28.** Planta do segundo pavimento – Centro Cultural.



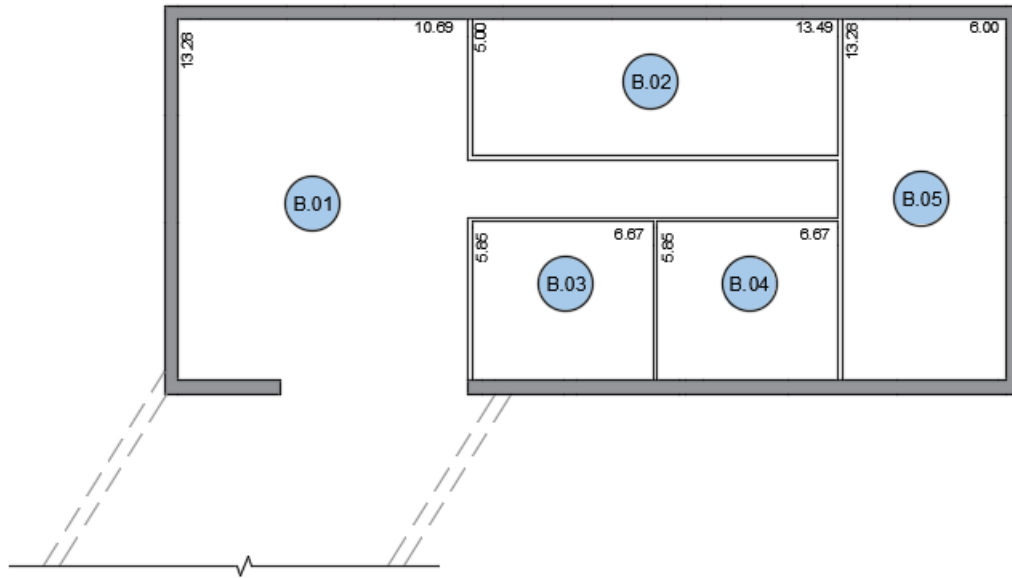
Fonte: Autora.

**Figura 29.** Planta da sala de cinema – Centro Cultural.



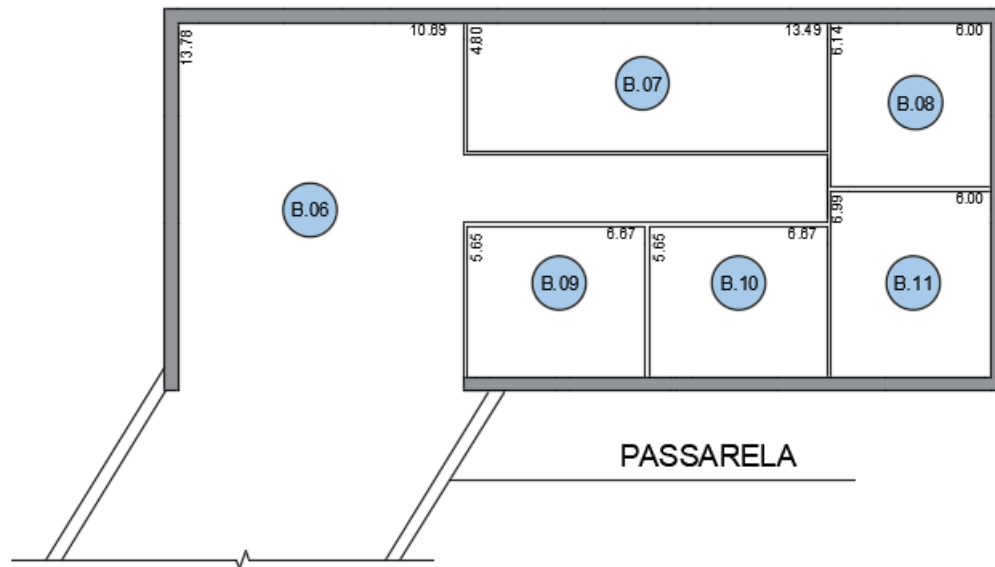
Fonte: Autora.

**Figura 30.** Planta do pavimento térreo – Edifício das oficinas.



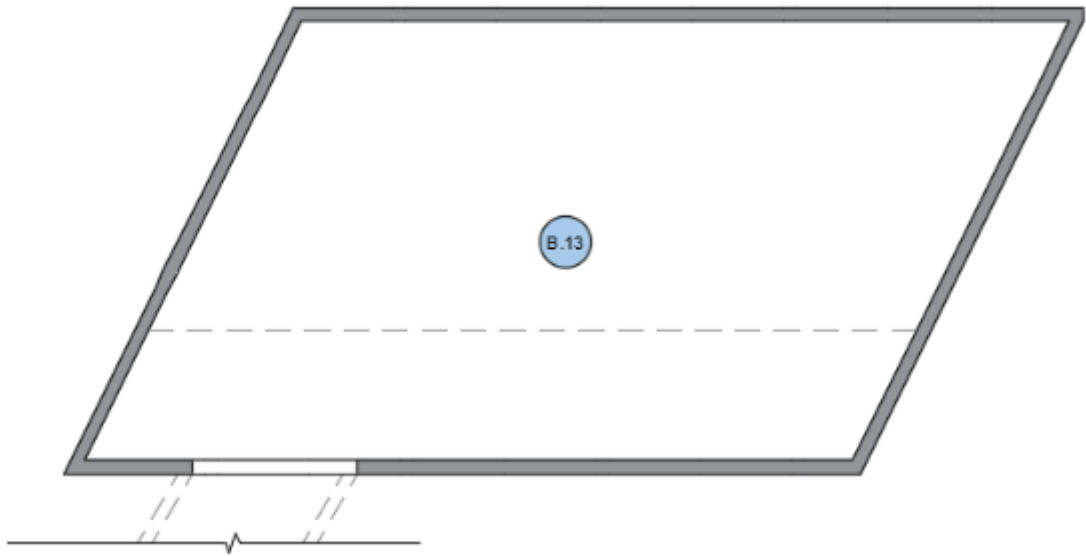
Fonte: Autora.

**Figura 31.** Planta do primeiro pavimento – Edifício das oficinas.



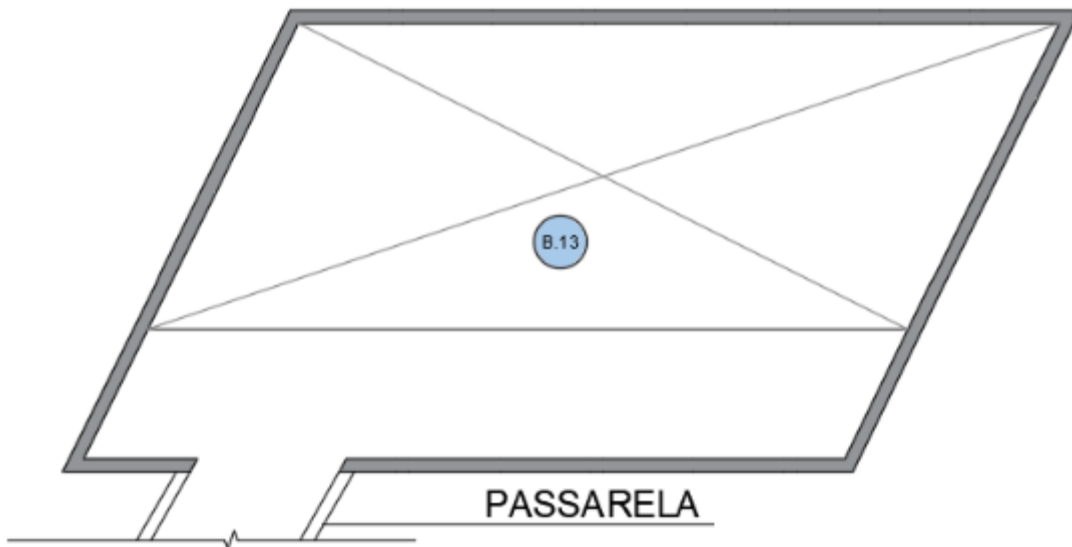
Fonte: Autora.

**Figura 32.** Planta do pavimento térreo – Auditório.



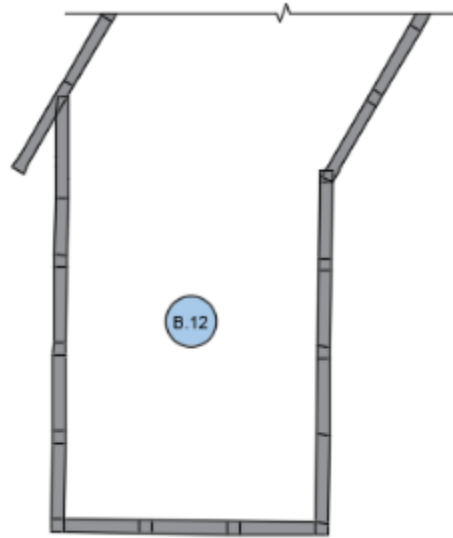
Fonte: Autora.

**Figura 33.** Planta do primeiro pavimento – Auditório.



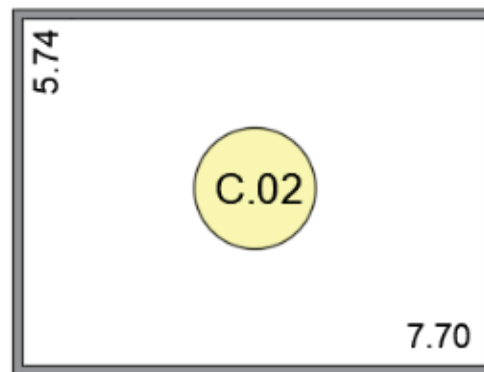
Fonte: Autora.

**Figura 34.** Planta do terceiro pavimento – Edifício das oficinas.



Fonte: Autora.

**Figura 35.** Planta modelo de salas comerciais.



Fonte: Autora.

**Figura 36.** Corte longitudinal com a proposta projetual.



Fonte: Autora.

**Figura 37.** Vista aérea da volumetria.



Fonte: Autora.

**Figura 38.** Vista aérea da volumetria.



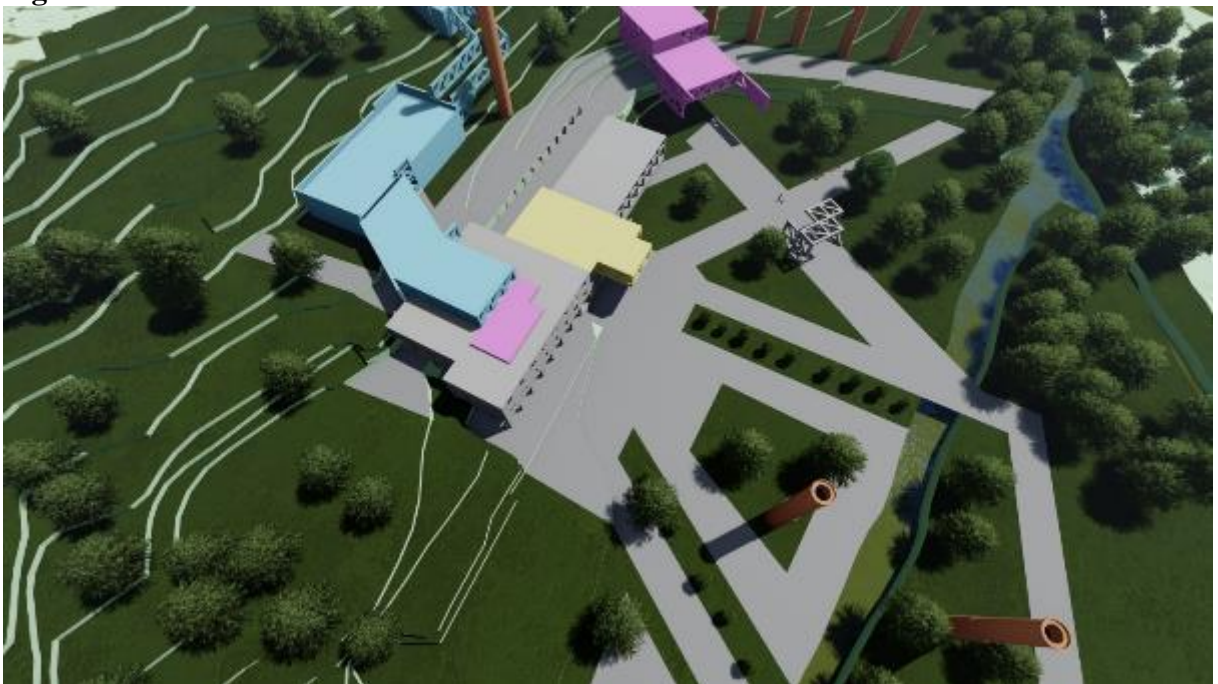
Fonte: Autora.

**Figura 39.** Vista na escala do pedestre da volumetria.



Fonte: Autora.

**Figura 40.** Vista aérea da volumetria.



Fonte: Autora.

## 4.2 ANTEPROJETO – TFG II

Após análise da proposta projetual, foi realizada uma reformulação, visando ainda a revitalização da Cerâmica Pederneiras, buscando conectar a população com o local e mantendo a ideia de utilizar estruturas metálicas.

O projeto é dividido em 3 partes: cultural, ensino e área esportiva. Na antiga Cerâmica, está alocado o centro cultural, com o pavimento térreo reservado para exposições fixas da região e temporárias, possibilitando a flexibilidade de montagem de obras no espaço. Próximo ao edifício existente, está o prédio das oficinas, com diversos cursos abertos à comunidade e, atrelado a ele, um auditório ao ar livre. E, por fim, a área com quadras poliesportivas, playground e academia ao ar livre. Além disso, conta com áreas de descanso ao longo dos caminhos que interligam todos os cantos da área do projeto.

**Figura 41.** Implantação.



Fonte: Autora.

Na parte com maior desnível, interligando os dois lados do terreno que são divididos pelo Ribeirão Pederneiras, está alocada uma passarela de estrutura metálica.

Em relação aos usos do edifício da Antiga Cerâmica: o pavimento maior e na cota mais baixa foi destinado às áreas expositivas, temporárias e permanentes; no pavimento da cota intermediária, encontra-se a biblioteca, com estrutura metálica apoiada sobre os pilares da construção, área administrativa e almoxarifado; e, no pavimento mais alto, o café.



**Figura 42.** Quadro de áreas (implantação).

QUADRO DE ÁREAS		
Nº	AMBIENTES	ÁREA (m²)
01	ÁREA DE EXPOSIÇÕES /CAFÉ	1.158,75
02	BLOCO DE OFICINAS	1.904,57
03	ARQUIBANCANDA	1.499,76
04	PLAYGROUND	264,58
05	QUADRAS POLIESPORTIVAS	569,88
06	EDIFICAÇÃO EXISTENTE	40,88
07	ÁREAS DE PERMANÊNCIA	1.693,75
	ÁREA CONSTRUÍDA	3.063,32
	ÁREA TOTAL	53.130,88

Fonte: Autora.

**Figura 43.** Quadro de áreas.

QUADRO DE ÁREAS		
Nº	AMBIENTES	ÁREA (m²)
01	SAGUÃO / CIRCULAÇÃO	127,34
02	SANITÁRIOS	15,07
03.1	SALA DE INFORMÁTICA	29,30
03.2	SALA DE INFORMÁTICA	23,74
04	OFICINA DE FOTOGRAFIA	31,80
05.1	SALA DE IDIOMAS	22,72
05.2	SALA DE IDIOMAS	22,41
06	OFICINA DE ARTESANATO	15,75
07.1	REFORÇO ESCOLAR	25,09
07.2	REFORÇO ESCOLAR	23,34
08	OFICINA DE TEATRO	85,37
09	OFICINA CIRCENSE	65,84
10.1	OFICINA DE DANÇA	42,92
10.2	OFICINA DE DANÇA	43,50
11.1	OFICINA DE MÚSICA	44,10
11.2	OFICINA DE MÚSICA	56,23
12	ADMINISTRATIVO	19,12
13	OFICINA DE CERÂMICA	56,02
14.1	OFICINA DE PINTURA	67,16
14.2	OFICINA DE PINTURA	67,41
15	CIRCULAÇÃO / ACESSO	109,86
16	TERRAÇO	360,03
17	SAGUÃO / CIRCULAÇÃO	192,60
18	SAGUÃO / CIRCULAÇÃO	132,74
19	SANITÁRIOS	12,95
20	CAIXA	24,67
21	ÁREA DE ALIMENTAÇÃO	330,37
22	COZINHA	28,47
23	ALMOXARIFADO	68,14
24	ADMINISTRATIVO	16,00
25	RECEPÇÃO / CIRCULAÇÃO	55,49
26	BIBLIOTECA	247,10
27	ANTECAMARA	19,06
28	ÁREA DE EXPOSIÇÃO PERMANENTE	189,78
29	ÁREA DE EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA	843,65

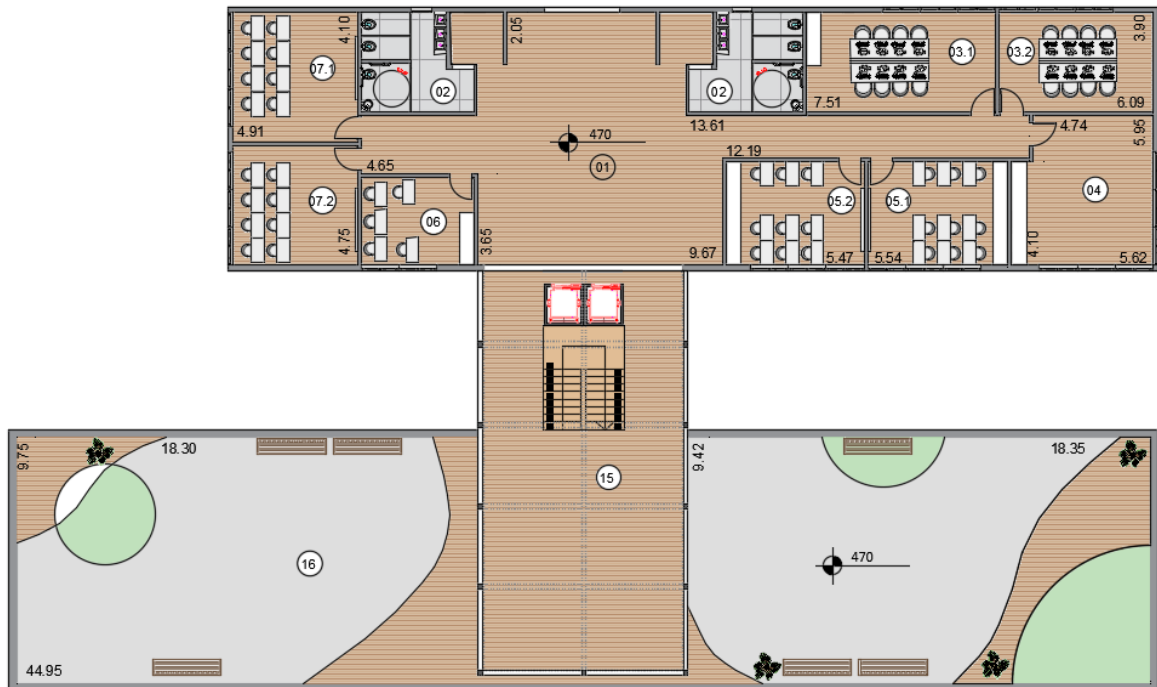
Fonte: Autora.

**Figura 44.** Planta das oficinas (nível 467,00).



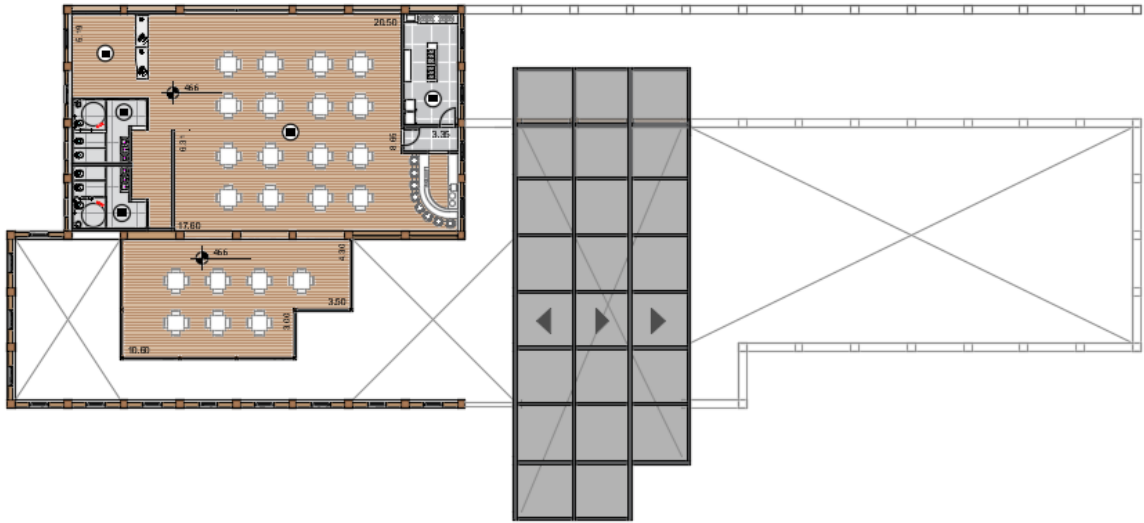
Fonte: Autora.

**Figura 45.** Planta das oficinas (nível 470,00).



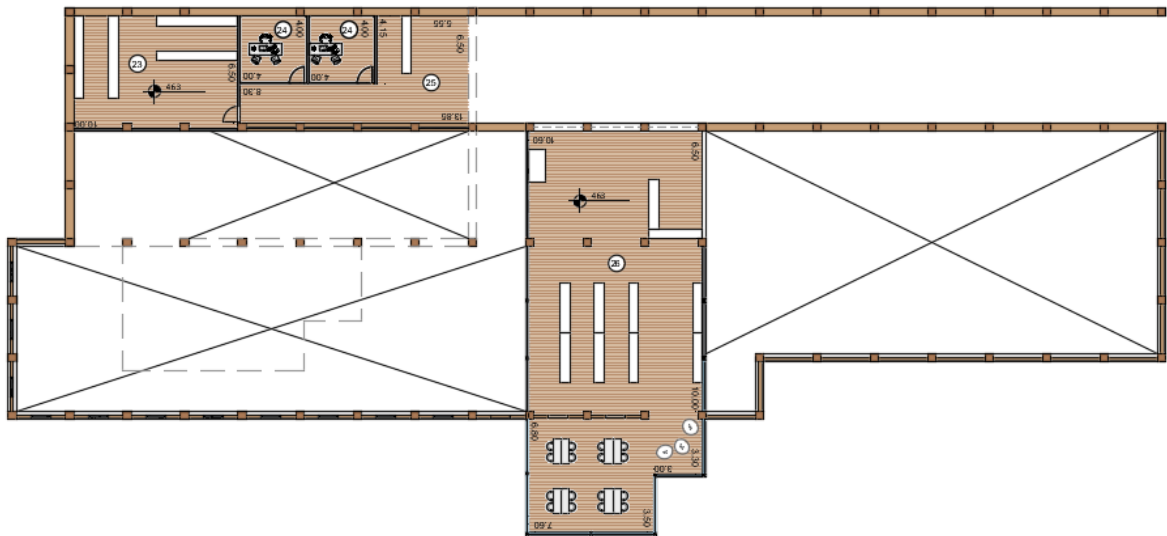
Fonte: Autora.

**Figura 46.** Planta do Centro Cultural (nível 466,00).



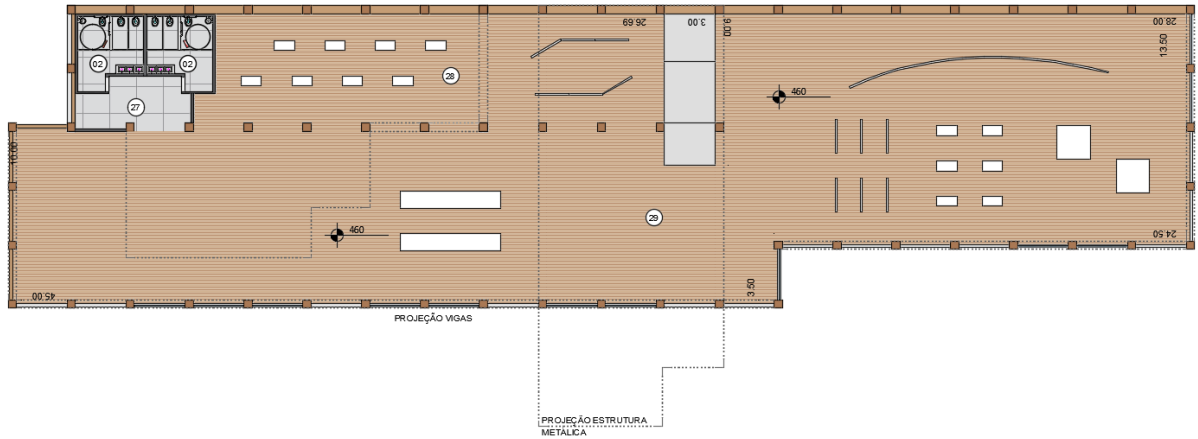
Fonte: Autora.

**Figura 47.** Planta do Centro Cultural (nível 463,00).



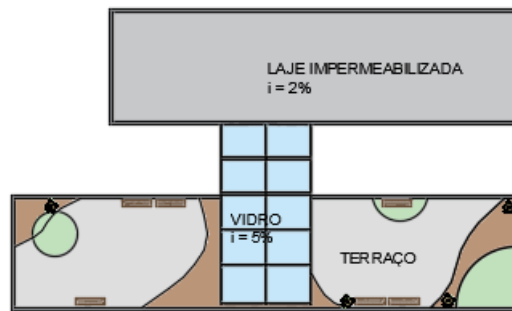
Fonte: Autora.

**Figura 48.** Planta do Centro Cultural (nível 460,00).



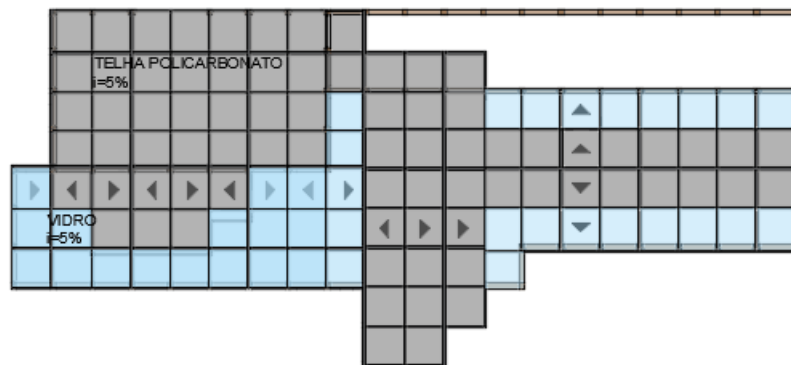
Fonte: Autora.

**Figura 49.** Planta de cobertura das oficinas.

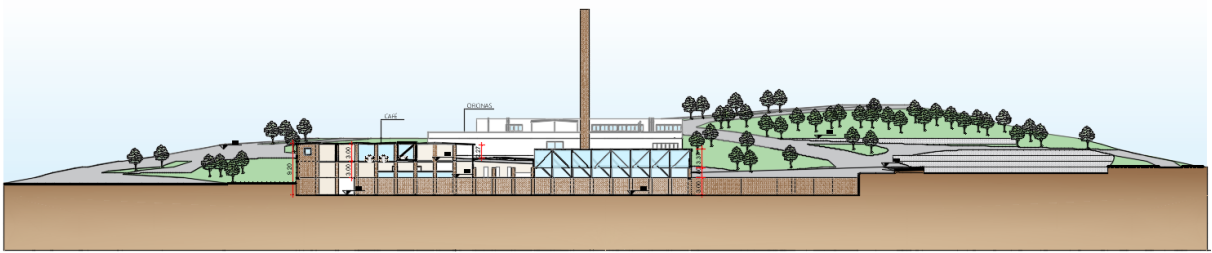


Fonte: Autora.

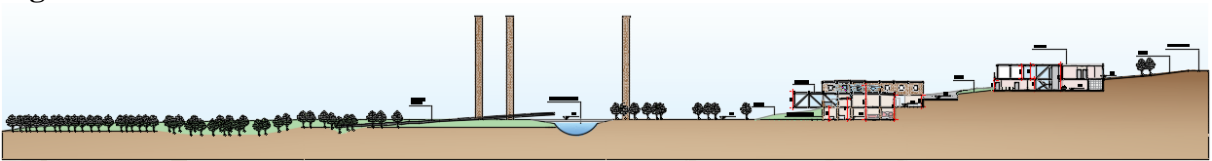
**Figura 50.** Planta de cobertura do Centro Cultural.



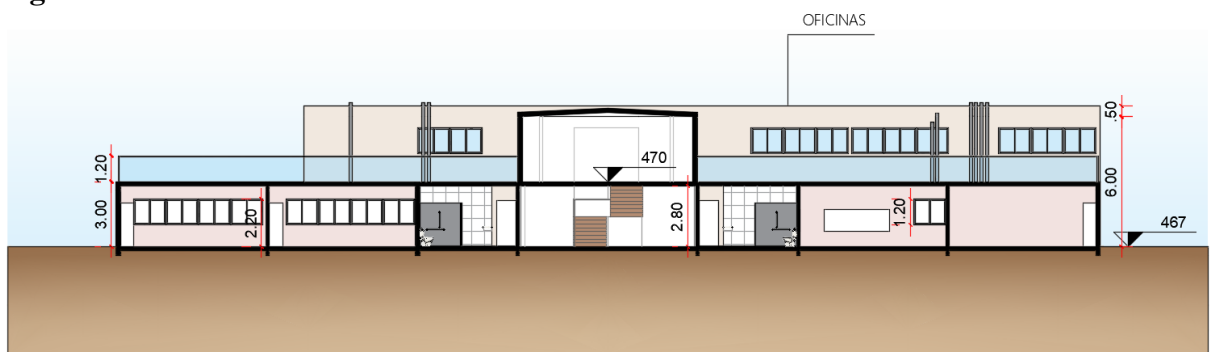
Fonte: Autora.

**Figura 51.** Corte A

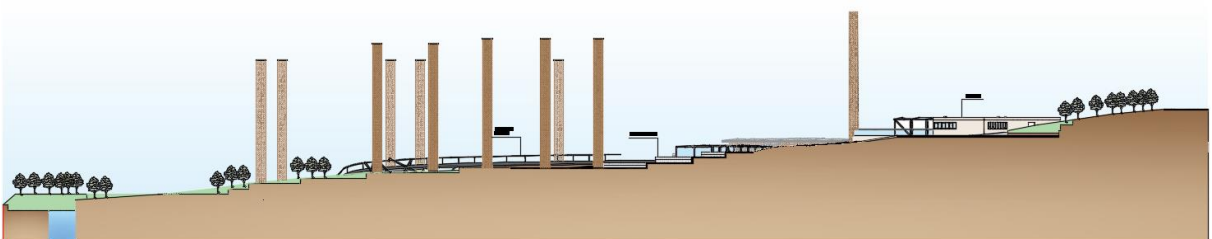
Fonte: Autora.

**Figura 52.** Corte B.

Fonte: Autora.

**Figura 53.** Corte C.

Fonte: Autora.

**Figura 54.** Corte D.

Fonte: Autora.

**Figura 55.** Vista aérea da área.



Fonte: Autora.

**Figura 56.** Vista do pedestre.



Fonte: Autora.

**Figura 57.** Vista aérea da área de lazer e passarela.



Fonte: Autora.

**Figura 58.** Vista da passarela e do Centro Cultural.



Fonte: Autora.

**Figura 59.** Centro Cultural.



Fonte: Autora.

**Figura 60.** Vista interna do Centro Cultural, com a área de exposições no nível inferior e o café na estrutura metálica.



Fonte: Autora.



**Figura 61.** Vista interna da área de exposições.



Fonte: Autora.

**Figura 62.** Café e bar.



Fonte: Autora.

**Figura 63.** Vista do terraço do bloco de oficinas.



Fonte: Autora.

**Figura 64.** Arquibancada ao ar livre.



Fonte: Autora.

**Figura 65.** Biblioteca.



Fonte: Autora.

## **5 CONCLUSÃO**

Diante do que foi exposto, conclui-se que o componente principal para o projeto é a preservação das estruturas existentes, e todas as áreas propostas giram em torno do edifício principal da antiga Cerâmica. Com isso, o foco da proposta é dar nova visibilidade para esse importante símbolo municipal, estreitando os laços entre o passado e o presente.

Entende-se o conceito de revitalização e sabe-se de todas as dificuldades por trás desse processo, mas também se entende a importância dele para que locais como a área de intervenção escolhida tenham um novo começo, respeitando sua identidade.

Além disso, os novos usos propostos trazem a possibilidade de a população ter mais acesso à cultura e as artes, através das exposições, do cinema e das oficinas, de lazer e de esporte, estimulando a prática e proporcionando esses momentos.

## REFERÊNCIAS

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Acervo – Documentos Cartográficos do IGC (seleção de documentos). Governo do Estado de São Paulo, São Paulo. Disponível em:

[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/cartografico/documentos\\_cartograficos](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/cartografico/documentos_cartograficos). Acesso em: 04 mar. 2023.

CARDOSO, J. J. Patrimônio Ambiental Urbano & Requalificação: Contradições no Planejamento do Núcleo Histórico de Santos. Doutorado - Departamento de Geografia - Pós-graduação, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 32-33.

CARREIRA, R. V. G. T. Novos Compromissos: Requalificação Urbana e Preservação do Patrimônio Urbano. O caso do Bairro Operário. Instituto Universitário de Lisboa. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/45862>.

GHIRARDELLO, Nilson. À beira da linha: formações urbanas da Noroeste Paulista. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LINARDI, F. de F. **Estratégias e ações de requalificação urbana: caso da cidade de Sorocaba**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas – Centro de ciências exatas, ambientais e de tecnologias, Programa de pós-graduação em Urbanismo. Campinas, 2012. Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/16159>. Acesso em: 05 mar. 2023.

MOURA, et al. **A Revitalização Urbana: Contributos para a Definição de um Conceito Operativo**. Cidades – Comunidades e Territórios, dez. 2006, nº 12/13 p. 15-34. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/cct/article/view/9228>. Acesso em: 04 mar. 2023.

MOREIRA, Graça. **Requalificação Urbana – Alguns conceitos básicos**. Disponível em: [https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1802/1/FAUTL\\_13\\_D\\_GMoreira.pdf](https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1802/1/FAUTL_13_D_GMoreira.pdf). Acesso em: 05 mar. 2023.

Parque da Juventude – Dom Paulo Evaristo Arns. Coordenadoria de Parques e Parcerias – Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística, Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.infrastrukturameioambiente.sp.gov.br/cpp/parque-da-juventude/>. Acesso em: 15 abr. 2023.

PASQUOTTO, G. B. **Renovação, Revitalização e reabilitação: reflexões sobre as terminologias nas intervenções urbanas**. Instituto de Engenharia Arquitetura e Design – INSEAD, Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio CEUNSP, Salto, 2010. Ano 01 Nº 02, p. 143-149.

PEDERNEIRAS (SP). Lei Complementar nº 3.539, de 28 de dezembro de 2018. Dispõe sobre o zoneamento, o parcelamento, o uso e a ocupação do solo no Município de Pederneiras e dá outras providências. Pederneiras, SP: Diário Oficial, 2018.

PEREIRA, Matheus. Parque da Juventude: Paisagismo como ressignificador espacial. ArchDaily, 04 out. 2017. Disponível: <https://www.archdaily.com.br/br/880975/parque-da-juventude-paisagismo-como-ressignificador-espacial>. Acesso em: 12 abr. 2023.

PINTOS, Paula. Revitalização da Usina de Energia Beloit College / Studio Gang. ArchDaily, 30 mar. 2021. Disponível em: [https://www.archdaily.com.br/br/958982/revitalizacao-da-usina-de-energia-beloit-college-studio-gang?ad\\_source=search&ad\\_medium=projects\\_tab](https://www.archdaily.com.br/br/958982/revitalizacao-da-usina-de-energia-beloit-college-studio-gang?ad_source=search&ad_medium=projects_tab). Acesso em: 28 abr. 2023.

PINTOS, Paula. Battersea Power Station / WilkinsonEyre. ArchDaily, 14 nov. 2022. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/991853/battersea-power-station-wilkinsoneyre>. Acesso em: 28 abr. 2023.

**Preservação da Arquitetura do Ferro: Aspectos Teóricos – Notas Sobre a Evolução do Conceito de Restauração.** p. 181.

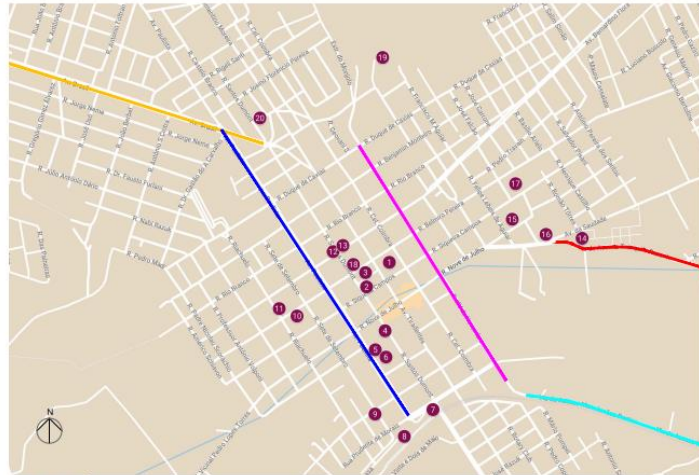
ROSA, Gabriela. **Por uma ressignificação do Rio Tietê no Oeste Paulista: Barra Bonita e Pederneiras.** 2020. 309 f. Dissertação – (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2020. Disponível em: . Acesso em: 25 nov. 2021.

SANTOS, P. K. A. dos. **Conjunto Ferroviário da Estação Guanabara (Campinas-SP): estudo sobre práticas de preservação e usos do patrimônio ferroviário.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2017. p. 50-51.

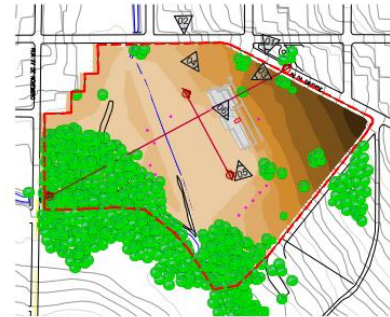
SOUZA, Luiza Aparecida de. **Trilhas na construção de versões históricas sobre um grupo escolar.** 2011. 420 f. Tese – (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2011. Disponível em: . Acesso em: 23 nov. 2021.

# APÊNDICE A – FOLHA 01/02 (TFG I)

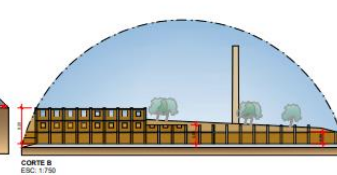
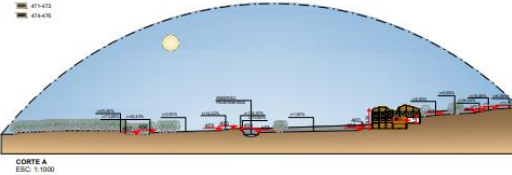
## ANÁLISE DO ENTORNO



- MAPA DE LOCALIZAÇÃO**  
SEM ESCALA
- |                          |                                      |                                     |                         |                         |   |
|--------------------------|--------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------|-------------------------|---|
| 1. ESCOLA MATEZ          | 10. SECRETARIA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL | 19. DMEP PROF. NEUSA CESTARI FABRI  | 28. CARTEIRO            | 37. GINÁSIO DE ESPORTES | 46. VIA DE ACESSO MUN. PRADOS PONTES    |
| 2. PREFEITURA MUNICIPAL  | 11. JARDIM                           | 20. FÓRUM MUNICIPAL                 | 29. CEMITÉRIO MUNICIPAL | 38. CÂMARA MUNICIPAL    | 47. RUA V. DE NOMEINHO                  |
| 3. PRAÇA SIBERTINO       | 12. ESTÁGIO OBSERVATORIA             | 21. SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA | 30. CHATELÃO FULBANO    | 39. CHATELÃO FULBANO    | 48. AVENIDA PAULETA                     |
| 4. MELIPICÓ MARIA ANGELA | 13. TEATRO MUNICIPAL                 | 22. DMEP FULGÊNIO BRAGA             | 31. ESTÁDIO MUNICIPAL   | 40. TERMINAL RICOVARADO | 49. VIA DE ACESSO TRANSLUÍDO RICOVARADO |
| 5. PRAÇA NEUMAN          |                                      |                                     |                         | 41. AVENIDA BRASIL      |   |



- MAPA TOPOGRÁFICO**  
ESC. 1:2000
- LEGENDA**
- ÁREA DE INTERVENÇÃO
  - 453-465
  - 453-461
  - 453-464
  - 453-467
  - 453-470
  - 474-472
  - 474-476
- VENTOS PREDOMINANTES
- ORIENTAÇÃO DO SOL



COMO PODE-SE OBSERVAR, A ÁREA DE INTERVENÇÃO ESTÁ LOCALIZADA NA REGIÃO CENTRAL DO MUNICÍPIO, POR ISSO TEM EQUIPAMENTOS URBANOS E GRANDES VIAS DE ACESSO EM SEU ENTORNO IMEDIATO. POR ESTAR NA ZONA ESPECIAL DE INTERESSE CULTURAL, DE ACORDO COM A LEI DE ZONAMENTO.

COM RELAÇÃO A TOPOGRAFIA, O TERRENO VARIA ENTRE 40M E 47M, ONDE GRANDE PARTE DO DESNÍVEL É TRABALHADO COM MURO DE ARRIBA.



**MAPA DE USO E OCUPAÇÃO**  
ESC. 1:10000

- LEGENDA**
- ÁREA DE INTERVENÇÃO
  - RESIDENCIAL
  - COMERCIAL
  - INSTITUCIONAL
  - ÁREA VERDE
  - SUBUTILIZADO
  - VAZIO
- COM BASE NA ANÁLISE FEITA, PODE-SE NOTAR UMA GRANDE QUANTIDADE DE RESIDÊNCIAS NOS ENTORNOS DO MAPA. ENQUANTO NA REGIÃO CENTRAL, EXISTE A CONCENTRAÇÃO DE COMÉRCIO E SERVIÇOS, ALÉM DA PRESENÇA DE SERVIÇOS PÚBLICOS. UMA GRANDE PARTE DAS EDIFICAÇÕES SÃO MOVIM. ANTIGOS.



**MAPA DE GABARITO**  
ESC. 1:10000

- LEGENDA**
- ÁREA DE INTERVENÇÃO
  - 1 A 2 PAVIMENTOS
  - 3 A 3 PAVIMENTOS
- DE ACORDO COM A ANÁLISE, A REGIÃO É COMPOSTA MAJORITARIAMENTE POR EDIFICAÇÕES DE 1 PAVIMENTO ISSO OCORRE DEVIDO AO GRANDE NÚMERO DE RESIDÊNCIAS E MOVIM. COMERCIAIS, QUE ESTÃO ALOJADOS EM EDIFÍCIOS ANTIGOS.



**MAPA DE CHEIOS E VAZIOS**  
ESC. 1:10000

- LEGENDA**
- ÁREA DE INTERVENÇÃO
  - ÁREAS EDIFICADAS
  - ÁREAS NÃO EDIFICADAS
- A ÁREA ESTUDADA TEM POUCOS VAZIOS NA FAIXA CENTRAL, ENQUANTO NA REGIÃO PERIFÉRIA A CERÂMICA E AO COMÉRCIO. POR ESTAR SENDO LOTEADA RECENTEMENTE, OS VAZIOS URBANOS SÃO PREDOMINANTES.



**MAPA DE FLUXOS**  
ESC. 1:10000

- LEGENDA**
- ÁREA DE INTERVENÇÃO
  - ÁREA ARTESIAL
  - VIA COLETORA
  - VIA LOCAL
  - SENTIDO DA VIA
  - SEMÁFORO
- POR ESTAR PRÓXIMA A ZONA CENTRAL DO MUNICÍPIO, AS VIAS QUE SÃO ACESSO À ÁREA SÃO ALGUMAS DAS PRINCIPAIS ACESSOS A OESTE, TENDO DUAS VIAS QUE LEVAM PARA A REGIÃO NOROCCIDENTAL. CONCLUI-SE QUE A ÁREA DO PROJETO É ACESSÍVEL E ANIMADA PELO MOVIMENTO DE TRÁFEGO.

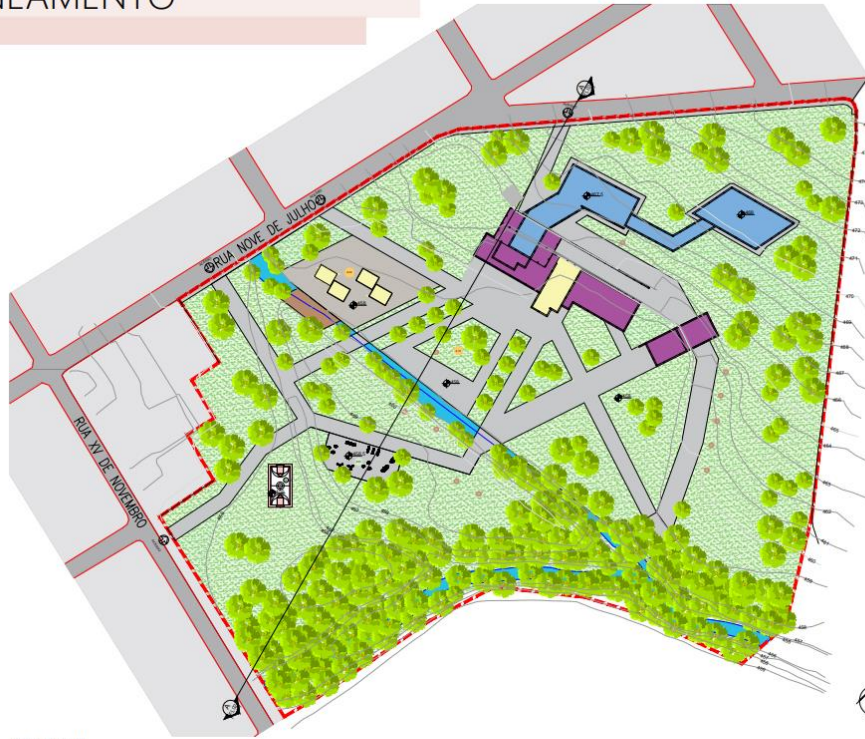
## APÊNDICE B – FOLHA 02/02 (TFG I)

### MACROZONEAMENTO

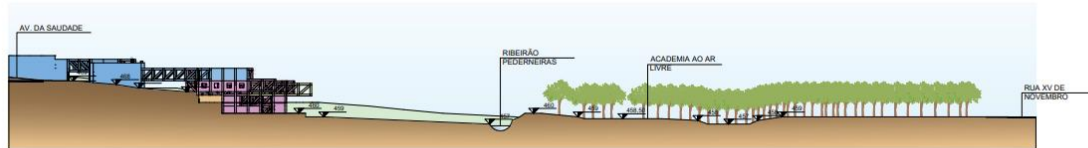
**CONCEITO**  
"RESSIGNIFICAR" O ESPAÇO EXISTENTE PARA A ÁREA QUE TEM UM VALOR SIMBÓLICO, HISTÓRICO, CULTURAL DA SUA HISTÓRIA.

**PARTIDO**  
VISANDO A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA CIDADE E DA SUA IDENTIDADE, A PROPOSTA ESTÁ VOLTADA A REQUALIFICAR O ESPAÇO COM O PRESENTE, PARA SERO, SUSTENTÁVEL, INCLUSIVO, SERÁO CONECTADA COM O EDIFÍCIO EXISTENTE DE ALVARAÇA E COM A TORREDETA ATUAL, REAFIRMANDO A IDENTIDADE ORIGINAL, E SE ENCAIXANDO A ELAS.

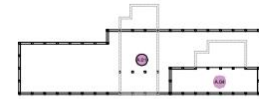
A.01	Área reservada	899,75 m <sup>2</sup>
A.02	Sepulcro	324 m <sup>2</sup>
A.03	Sepulcro	136 m <sup>2</sup>
A.04	Administrativo	136 m <sup>2</sup>
A.05	Cinema	280 m <sup>2</sup>
B.01	Sepulcro	142 m <sup>2</sup>
B.02	Oficina de cerâmica	67,62 m <sup>2</sup>
B.03	Sala de informática	39 m <sup>2</sup>
B.04	Oficina de música	39 m <sup>2</sup>
B.05	Oficina de dança	79,2 m <sup>2</sup>
B.06	Santário + circulação	147,4 m <sup>2</sup>
B.07	Oficina de dança	147,4 m <sup>2</sup>
B.08	Oficina de artesanato	36,80 m <sup>2</sup>
B.09	Oficina de pintura	17,60 m <sup>2</sup>
B.10	Sala de cinema	17,60 m <sup>2</sup>
B.11	Sala de informática	10,20 m <sup>2</sup>
B.12	Administrativo	140 m <sup>2</sup>
B.12	Auditorio	495,39 m <sup>2</sup>
C.01	Cafo	239,5 m <sup>2</sup>
C.02	Galpão	176,70 m <sup>2</sup>
D.01	Academia de ar livre (background)	464,23 m <sup>2</sup>
D.02	Quadra poliesportiva	285,05 m <sup>2</sup>
E.01	Préa central	1331,09 m <sup>2</sup>
E.02	Préa seca com deck	1514,88 m <sup>2</sup>



MACROZONEAMENTO  
ESC. 1:750



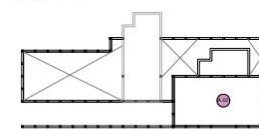
CORTE A  
ESC. 1:500



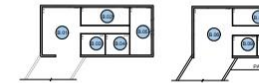
PAVIMENTO TERREO - CENTRO CULTURAL  
ESC. 1:500



PRIMEIRO PAVIMENTO - CENTRO CULTURAL  
ESC. 1:500



SEGUNDO PAVIMENTO - CENTRO CULTURAL  
ESC. 1:500



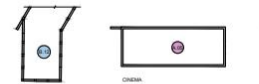
PAVIMENTO TERREO - BLOCO DAS OFICINAS  
ESC. 1:500

PRIMEIRO PAVIMENTO - BLOCO DAS OFICINAS  
ESC. 1:500



PAVIMENTO TERREO - AUDITORIO  
ESC. 1:500

PRIMEIRO PAVIMENTO - AUDITORIO  
ESC. 1:500



TERCEIRO PAVIMENTO - BLOCO DAS OFICINAS  
ESC. 1:500

SALA DE CINEMA  
ESC. 1:500

SALA PADRÃO - GALERIA  
ESC. 1:500



ORIENTADOR:  
PROF. ME. RENAN AMAURI GUARANHIA RINALDI  
AUTOR:  
SILVIA LARISSA CARDOSO DE OLIVEIRA

APÊNDICE C – FOLHA 01/04 (TFG II)





## APÊNDICE D – FOLHA 02/04 (TFG II)

**CONCEITO**  
 "RESSIGNIFICAR" O ESPAÇO, DANDO PARA A ÁREA QUE TEM UM VALOR SIMBÓLICO, UM NOVO CAPTULO EM SUA HISTÓRIA.

**PARTIDO**  
 VISANDO A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA CIDADE E DA SUA REABILITAÇÃO, A PROPOSTA ÉSTA VOLTADA A INTERLIGAR O PASSADO COM O PRESENTE. PARA ISSO, ESTRUTURAS METÁLICAS SERÃO CONECTADAS COM O EDIFÍCIO EXISTENTE DE ALVENARIA E COM A TOPOGRAFIA ATUAL, RESPEITANDO A ESTRUTURA ORIGINAL E SE ENCAIXANDO A ELAS.

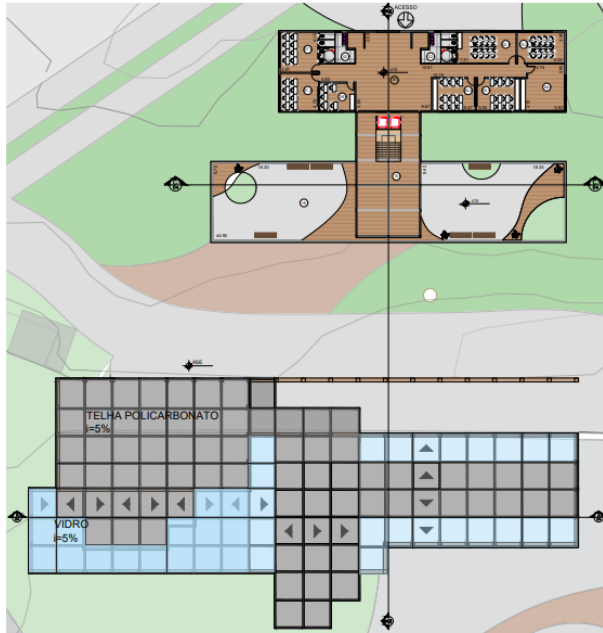
QUADRO DE ÁREAS	
01	ÁREA DE EXPOSIÇÃO
02	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
03	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
04	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
05	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
06	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
07	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
08	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
09	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
10	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
11	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
12	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
13	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
14	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
15	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
16	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
17	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
18	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
19	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
20	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
21	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
22	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
23	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
24	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
25	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
26	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
27	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
28	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
29	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
30	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
31	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
32	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
33	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
34	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
35	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
36	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
37	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
38	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
39	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
40	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
41	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
42	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
43	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
44	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
45	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
46	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
47	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
48	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
49	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
50	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
51	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
52	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
53	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
54	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
55	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
56	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
57	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
58	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
59	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
60	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
61	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
62	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
63	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
64	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
65	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
66	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
67	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
68	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
69	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
70	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
71	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
72	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
73	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
74	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
75	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
76	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
77	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
78	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
79	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
80	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
81	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
82	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
83	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
84	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
85	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
86	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
87	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
88	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
89	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
90	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
91	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
92	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
93	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
94	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
95	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
96	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
97	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
98	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
99	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE
100	ÁREA DE EXPOSIÇÃO - CAFE



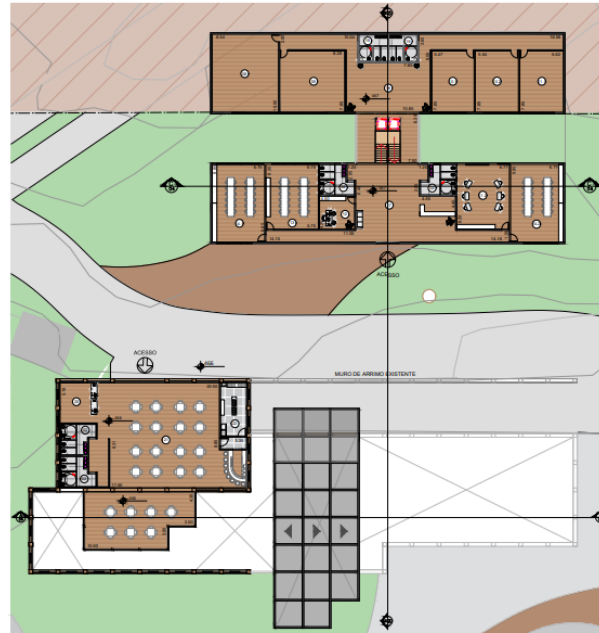
IMPLANTAÇÃO  
 ESC. 1:500



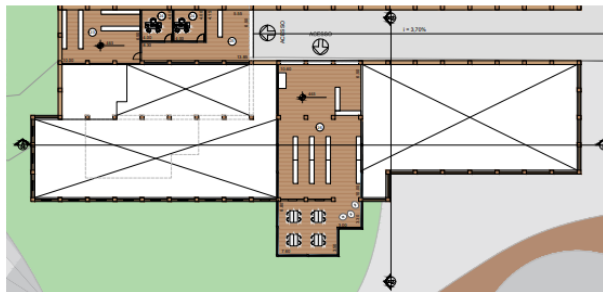
APÊNDICE E – FOLHA 03/04 (TFG II)



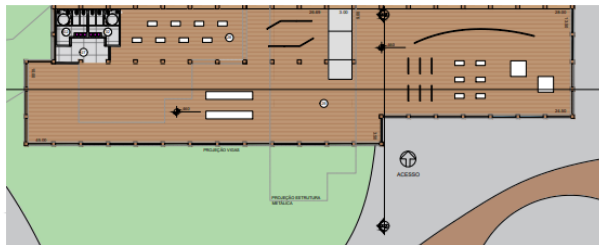
PLANTA FINI NÍVEL 47,00  
ESC 1:500



PLANTA FINI NÍVEL 48,00  
ESC 1:500



PLANTA FINI NÍVEL 48,30  
ESC 1:500

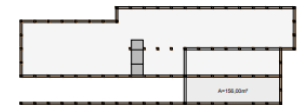


PLANTA FINI NÍVEL 48,00  
ESC 1:500

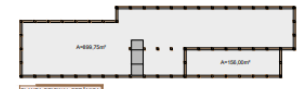
QUADRO DE ÁREAS		
QT	ABREVIAÇÃO	ÁREA (M²)
01	SALA DE CIRCULAÇÃO	122,34
02	SANTUÁRIO	18,07
03	SALA DE BIOMÉTRICA	26,00
04	SALA DE INFORMÁTICA	23,74
05	OFICINA DE FOTOGRAFIA	31,40
06	SALA DE ESCOLAS	22,37
07	SALA DE ESCOLAS	22,41
08	OFICINA DE ARTESANATO	16,25
09	REPOZICION ESCOLAR	25,59
10	REPOZICION ESCOLAR	25,59
11	OFICINA DE TÊXTIL	62,07
12	OFICINA CEREJE	60,84
13	OFICINA DE SANGA	40,80
14	OFICINA DE SANGA	40,80
15	OFICINA DE MÚSICA	44,30
16	OFICINA DE MÚSICA	42,07
17	ADMINISTRATIVO	16,12
18	OFICINA DE CERMÂNICA	66,42
19	OFICINA DE PINTURA	47,34
20	OFICINA DE PINTURA	47,41
21	CIRCULAÇÃO / ACESSO	100,88
22	TUANO	340,13
23	SALA DE CIRCULAÇÃO	196,80
24	SALA DE CIRCULAÇÃO	138,74
25	SANTUÁRIO	12,86
26	COZINA	24,87
27	ÁREA DE ALIMENTAÇÃO	330,37
28	COZINA	28,47
29	ADMINISTRATIVO	46,24
30	ADMINISTRATIVO	16,00
31	RECEPCÃO / CIRCULAÇÃO	66,40
32	RECEPCÃO	127,13
33	ANTECÂMARA	19,30
34	ÁREA DE EXPOSIÇÃO PERMANENTE	186,16
35	ÁREA DE EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA	848,16



PLANTA ORIGINAL CERMÂNICA  
NÍVEL 48,00  
ESC 1:500



PLANTA ORIGINAL CERMÂNICA  
NÍVEL 48,30  
ESC 1:500



PLANTA ORIGINAL CERMÂNICA  
NÍVEL 48,00  
ESC 1:500

## APÊNDICE F – FOLHA 04/04 (TFG II)

